



# EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA, LISBOA CO-HABITAR EM COMUNIDADE E CULTURA

Pedro Canha e Costa Ludovice Paixão  
(Licenciado)

Projeto Final de Mestrado elaborado para a Obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura,  
na Área de Especialização em Arquitetura Integrada

**Orientação Científica:**

Arquiteto Pedro Pacheco

Professor Doutor José Luís Crespo

**Juri:**

Presidente Doutora Bárbara Massapina Vaz

Vogal Especialista Alessia Allegri

Arquiteto Pedro Pacheco

**DOCUMENTO DEFINITIVO**

Lisboa, FA.U LISBOA, Julho, 2025







## RESUMO

O Trabalho Final de Mestrado propõe a revitalização de uma parcela localizada no lado terra da Avenida 24 de Julho, no Aterro da Boavista, partindo do enunciado do concurso Saint Gobain 2022. Trata-se de uma zona da cidade ainda marcada pela presença da antiga atividade industrial portuária, cuja transformação se torna essencial para responder às novas dinâmicas urbanas. O objetivo central do projeto é regenerar este vazio urbano através da introdução de novos usos, valorizando o sentido de comunidade, a centralidade e o património existente.

A proposta assenta na criação de um novo edifício multiusos, de carácter híbrido, que articula habitação, comércio e espaços de lazer. Este objeto construtivo procura dialogar com a escala e a materialidade da envolvente, marcada tanto pelos edifícios contemporâneos previstos no plano de pormenor de Carrilho da Graça como pelas pré-existências dos séculos XVIII e XIX.

Inclui-se também a reabilitação de um edifício municipal existente, intervencionado de forma a restituir-lhe a coerência espacial e dotá-lo de um programa flexível, cultural e produtivo. A localização estratégica do conjunto, a poucos metros da Praça Dom Luís I, acentua a urgência da sua requalificação, oferecendo uma resposta programática à crescente vitalidade do eixo Santos-Cais do Sodré.

Palavras – chave

multifuncionalidade; revitalização urbana; co-living; sustentabilidade



## **ABSTRACT**

The Master's Final Project proposes the revitalisation of a plot located on the landward side of Avenida 24 de Julho, within the Aterro da Boavista area, based on the brief from the 2022 Saint-Gobain competition. This area of the city remains marked by the legacy of former industrial port activity, whose transformation is essential to respond to new urban dynamics. The central aim of the project is to regenerate this urban void through the introduction of new uses, enhancing the sense of community, centrality, and existing heritage. The proposal is based on the creation of a new multi-purpose building, with a hybrid character, combining housing, commercial spaces, and areas for leisure. This built object seeks to establish a dialogue with the scale and materiality of its surroundings, which include both contemporary buildings foreseen in Carrilho da Graça's detailed plan and the existing architecture from the 18th and 19th centuries.

The project also includes the rehabilitation of an existing municipal building, redesigned to restore its spatial coherence and to accommodate a flexible cultural and productive programme. The strategic location of the site, just a few metres from Praça Dom Luís I, reinforces the urgency of its redevelopment, offering a programmatic response to the growing vitality of the Santos–Cais do Sodré axis.

key – words

multifunctionality; urban revitalisation; co-living; sustainability;



## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus orientadores, por me terem guiado sempre da melhor maneira.

Aos meus amigos arquitetos, por me acompanharem neste percurso tão difícil quanto feliz e interessante. Sem voçês, nao era possivel, nem eu era a pessoa que sou hoje.

Aos não arquitetos, por acreditarem em mim e estarem lá sempre que precisei.

À minha família, por me apoiar incondicionalmente, por me motivar a ser sempre melhor e por me incentivar a fazer aquilo que me faz feliz.

Um sincero obrigado a todos vós.



## ÍNDICE GERAL

Resumo	V
Abstract	VII
Agradecimentos	IX
Índice geral	X
Índice de figuras	XI
Introdução	03
<b>  01. O Aterro da Boavista Na Cidade</b>	<b>13</b>
1.1. Lisboa e Tejo	15
1.2. Reconstrução e Expansão do Território Lisboeta	17
1.3. O Aterro da Boavista	21
<b>  02. Modelos Contemporâneos de Habitar: Hibridismo, Co-living, e Reabilitação</b>	<b>31</b>
2.1. Edifício Híbrido	33
2.2. Habitar em comunidade	37
2.3. Reabilitação	41
<b>  03. Casos de Referência</b>	<b>49</b>
3.1. O complexo Barbican Estate	51
3.2. Gifu Kitagata apartment building	59
3.3. Unité d’Habitation	65
3.4. Quelhas House	73
<b>  04. PROJETO</b>	<b>79</b>
4.1. A Envolvente	83
4.2. O Lugar	87
4.3. A Proposta	89
4.3.1. A Imagem	89
4.3.2. O Programa	93
4.3.3. Materialidade	107
Considerações Finais	111
Bibliografia	113
Anexos	116



## ÍNDICE DE FIGURAS

1. Rio Tejo e Torre de Belém, 1905, Fotógrafo não identificado, em Lisboa de Antigamente.  
<https://lisboadeantigamente.blogspot.com/>
2. Lisboa Vista de Almada, 1870, fotografado por J. Laurent.  
<https://lisboadeantigamente.blogspot.com/search/label/Tejo>
3. O Cais do Sodré, 1808. “Embarque de Junot no cais do Sodré”, Henri L’Évêque, e F. Bartolozzi. Gravura.  
<https://acervo.museudelisboa.pt/multimediaNET/EGEAC/2019/05/web/112263.jpg>
4. Fotografia Panorâmica do Cais do Sodré, 1886, fotógrafo não identificado.  
<https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2019/10/estacao-do-cais-do-sodre.html>
5. Fotografia Panorâmica do Cais do Sodré, 1944, Judah Benoliel.  
<https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2019/10/estacao-do-cais-do-sodre.html>
6. Fotografia da Estação do Cais do Sodré, fotógrafo não identificado.
7. Atêrro da Boavista 1895. Actual Av. 24 de Julho, antiga Rua 24 de Julho: Rampa de Santos, actual Calçada Ribeiro Santos e Palácio Abrantes. Francesco Rochini, in Lisboa de Antigamente.  
<https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2022/07/doca-de-santos-aterro-da-boa-vista.html>

- 8.** Construção do aterro no porto de Lisboa, cerca de 1860, foto de Legado Seixas, in a.f. C.M.L.  
<https://lisboadeantigamente.blogspot.com/search/label/Tejo>
- 9.** Porto de Lisboa, 1919, fotógrafo não identificado.  
<https://lisboadeantigamente.blogspot.com/search?q=porto>
- 10.** Fotografia no Cais do Sodré, 2018, fotografado por Rosa Marqués.  
[https://media.traveler.es/photos/613771d4bae07f0d8a493737/master/w\\_1600,c\\_limit/125165.jpg](https://media.traveler.es/photos/613771d4bae07f0d8a493737/master/w_1600,c_limit/125165.jpg)
- 11.** Ponte Vecchio, Florença, fotografado por Guillaume Z.  
<https://www.locationscout.net/italy/1877-ponte-vecchio-florence>
- 12.** Fotografia da fachada poente do Centro Pompidou e a relação com a praça.  
[https://media.newyorker.com/photos/61e86e4ff4a035bc37bd3d8/master/w\\_2240,c\\_limit/DeMonchaux-PompidouCenter.jpg](https://media.newyorker.com/photos/61e86e4ff4a035bc37bd3d8/master/w_2240,c_limit/DeMonchaux-PompidouCenter.jpg)
- 13.** Casa da Música.  
<https://imagens.publico.pt/imagens.aspx/1597288?tp=UH&db=IMAGENS&type=JPG>
- 14.** Longhouse em Fyrkat, Dinamarca.
- 15.** Desenho de uma Longhouse Norte-americana.  
<https://www.britannica.com/technology/longhouse>

- 16.** Projeto da Rua dos Douradores, de José Adrião, existente.  
<https://joseadriao.com/en/arquivo/portfolio/douradores-2>
- 17.** Projeto da Rua dos Douradores, de José Adrião, concluído.  
<https://joseadriao.com/en/arquivo/portfolio/douradores-2>
- 18.** Vista interior da Quelhas House.  
<https://www.ilobo.pt/Quelhas.html>
- 19.** Fachada existente conservada no Lloyd's building.
- 20.** Forma geral do Lloyd's building.
- 21.** Imagem do grande lago do Barbican, fotografado pelo autor em Setembro de 2024.
- 22.** Fotografia aérea do conjunto Barbican.  
<https://cracpreservation.wordpress.com/category/alex-posts/case-study-02-barbican-estate/#jp-carousel-238>
- 23.** Fachada do Bloco V, fotografado pelo autor em Setembro de 2024.
- 24.** Relação do Bloco IV com a vegetação e a água, fotografado pelo autor em Setembro de 2024.
- 25.** Fachada Norte do Kitagata Apartente Building.  
<https://arquitecturaviva.com/works/edificio-de-apartamentos-gifu-kitagata-gifu-3>
- 26.** Fachada Sul do Kitagata Apartente Building.  
<https://arquitecturaviva.com/works/edificio-de-apartamentos->

gifu-kitagata-gifu-3

**27.** Interior de apartamento no Kitagata Apartment Building.

<https://arquitecturaviva.com/works/edificio-de-apartamentos-gifu-kitagata-gifu-3>

**28.** Fachada da Unité d’Habitation, Marselha.

[https://images.squarespace-cdn.com/content/v1/5702ab9d746fb9634796c9f9/96c1b923-f2d4-4c62-9d62-09a1df834f51/IMG\\_4358+copy-22.jpg](https://images.squarespace-cdn.com/content/v1/5702ab9d746fb9634796c9f9/96c1b923-f2d4-4c62-9d62-09a1df834f51/IMG_4358+copy-22.jpg)

**29.** Relação com o exterior e sistema de suporte do edifício.

<https://www.fondationlecorbusier.fr/wp-content/uploads/2022/04/unite-dhabitation-de-marseille-flc-adagp-timothee-jourdain-1.jpg>

**30.** Interior de um apartamento da Unitè.

<https://www.marseillehotel24.com/data/Photos/OriginalPhoto/16075/1607559/1607559363/photo-marseille-14.JPEG>

**31.** Quelhas House, alçado reabilitado.

<https://www.ilobo.pt/Quelhas.html>

**32.** Quelhas House, vista aérea.

<https://www.ilobo.pt/Quelhas.html>

**33.** Quelhas House, vista interior.

<https://www.ilobo.pt/Quelhas.html>

**34.** Rua da Boavista. Imagem do autor.

- 35.** Rua D. Luís I. Imagem do autor
- 36.** Edificado envolvente antigo. Imagem do autor.
- 37.** Edificado envolvente antigo. Imagem do autor.
- 38.** Edificado envolvente novo. Imagem do autor.
- 39.** Edificado envolvente novo. Imagem do autor.
- 40.** Edifícios a demolir marcados a amarelo.  
[https://architecture-student-contest.saint-gobain.com/sites/architecture-student-contest.saint-gobain.com/files/documents/ASC%202023%20Lisbon%20-%20Contest%20Task\\_0.pdf](https://architecture-student-contest.saint-gobain.com/sites/architecture-student-contest.saint-gobain.com/files/documents/ASC%202023%20Lisbon%20-%20Contest%20Task_0.pdf)
- 41.** Implantação sugerida no concurso Saint Gobain.  
[https://architecture-student-contest.saint-gobain.com/sites/architecture-student-contest.saint-gobain.com/files/documents/ASC%202023%20Lisbon%20-%20Contest%20Task\\_0.pdf](https://architecture-student-contest.saint-gobain.com/sites/architecture-student-contest.saint-gobain.com/files/documents/ASC%202023%20Lisbon%20-%20Contest%20Task_0.pdf)
- 42.** A azul, o Edifício A, a reabilitar. A vermelho, o Edifício B Multiusos. Desenho do autor.
- 43.** Alçado Sul, Rua Dom Luís I. Desenho do autor.
- 44.** Alçado do Edifício A. Desenho do autor.
- 45.** Edifício A | Planta do piso 00 | sem escala. Desenho do autor.

- 46.** Edifício A | Planta do piso 01 | sem escala. Desenho do autor.
- 47.** Edifício B | Planta do piso -01 | sem escala. Desenho do autor.
- 48.** Edifício B | Planta do piso 00 | sem escala. Desenho do autor.
- 49.** Edifício B | Planta do piso 01 | sem escala. Desenho do autor.
- 50.** Edifício B | Planta do piso 02 | sem escala. Desenho do autor.
- 51.** Edifício B | Planta do piso 03 | sem escala. Desenho do autor.
- 52.** Edifício B | Planta do piso 04 | sem escala. Desenho do autor.
- 53.** Edifício B | Corte longitudinal a passar nas galerias | Edifício A em 2º plano | sem escala. Desenho do autor.
- 54.** Edifício B | Planta do piso 07 | sem escala. Desenho do autor.
- 55.** Edifício B | Corte transversal a passar na grande abóbada e nos elementos de betão, até chegar aos pisos de habitação, erguidos em CLT | sem escala. Desenho do autor.
- 56.** Edifício B | Corte transversal a passar na zona nascente da pala e a exemplificar a relação da pele metálica no edifício | sem escala. Desenho do autor.
- 57.** Edifício B | Corte transversal em progresso | escala 1/50. Desenho do autor.



## EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA

## INTRODUÇÃO

O Trabalho Final de Mestrado que se pretende elaborar tem como premissa projetar a revitalização duma parcela do Aterro da Boavista localizada no lado terra da Avenida 24 de Julho. A escolha para o tema surge da sugestão de programa do concurso Saint Gobain de 2022 que foi proposto também para programa de 1º semestre de 5º ano.

O espaço em questão está incluído numa zona da cidade ainda muito marcada pela vertente industrial portuária que deu a forma ao lugar.

O principal objetivo é renovar o perfil funcional deste espaço na cidade, regenerando a atividade através da criação de novos padrões de funções urbanas. Tem como finalidade atrair formas de ocupação e atividades inovadoras visando sempre a valorização do conceito de comunidade, centralidade e o grande valor patrimonial e paisagístico.

O local de intervenção será ancorado num novo objeto Híbrido complementado com funções residenciais, de lazer e de comércio, e que responde à forte presença volumétrica e material dos edifícios da sua envolvente. As obras em questão são partes integrantes do Plano de Pormenor do Arquiteto Carrilho da Graça e, sendo o Edifício Multiusos também parte deste mesmo plano, houve a intenção de criar uma peça que reagisse com uma certa firmeza à nova envolvente.

Contudo, o local é primeiramente caracterizado pelos edifícios do século XVIII e XIX que o rodeiam, e por isso, houve o cuidado

de conferir uma materialidade ao edifício que tivesse a capacidade de difundir a sua dimensão de maior escala no conjunto envolvente antigo.

Além do Edifício Multiusos, realiza-se também a reabilitação de um edifício incluído no espaço intervencionado de forma menos aprofundada do que o anterior. Este objeto pertence atualmente à câmara municipal e foi alvo de uma grande reformulação que o desproveu de parte do seu grande interesse arquitetónico. Então, teve-se como objetivo reduzir a exagerada compartimentação que lhe foi aplicada e permitir que o espaço interior do edifício fizesse juízo à sua proporção, recebendo um programa versátil com espaços de restauração, ateliês, estudo e cultura.

A zona de Cais-do-Sodré e Santos tem vindo a ganhar interesse económico e turístico com a exposição de Lisboa no turismo internacional e assim, espaços como o local de intervenção em questão, que se encontram no coração desta área, destacam-se pela ausência de programa e pela quebra que causam no tecido urbano, tanto a nível de fluxos como de ambiência e utilidade. Por isso, sendo este um espaço que se encontra a menos de 100 metros da Praça Dom Luís, local que reúne estabelecimentos de grande afluência como o Mercado da Ribeira e todo o conjunto de bares e restaurantes dispersos pelas ruas circundantes, torna-se mais evidente ainda o interesse em requalificar este vazio, criando espaços de cultura, comércio e habitação que dêem continuidade à expansão programática da cidade.

## QUESTÕES DE TRABALHO

- De que forma pode um edifício híbrido contribuir para a regeneração urbana de uma zona fragmentada e desprogramada como o Aterro da Boavista?
- Como pode a arquitetura promover formas contemporâneas de habitar em comunidade, através de modelos como o co-living, sem perder a relação com a identidade e a história do lugar?
- Que estratégias projetuais permitem articular construção nova e reabilitação, respeitando a memória arquitetónica existente enquanto se introduzem novas dinâmicas urbanas?

## EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA

## **METODOLOGIA**

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste trabalho começou com um estudo aprofundado do lugar, a sua morfologia e história. Foram necessárias várias visitas ao local, devido à constante mudança que tem sofrido com as novas construções vizinhas, onde se registaram os diferentes enquadramentos e atualizações. De seguida, em esquiço, o projeto foi sendo pensado, com a ajuda de maquetes de estudo, fundamentais para perceber os desafios causados pela envolvente do edificado bastante heterogénea. Ao mesmo tempo que a volumetria se definia, os casos de referência foram ajudando a fundamentar as decisões tomadas para a construção deste projeto, bem como o estudo realizado sobre Hibridismo e Co-living. Conclui-se assim que sem estas ferramentas, não teria sido possível realizar o Trabalho Final de Mestrado numa forma estruturada e lúcida.

## EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA

## **ESTRUTURA DO TRABALHO**

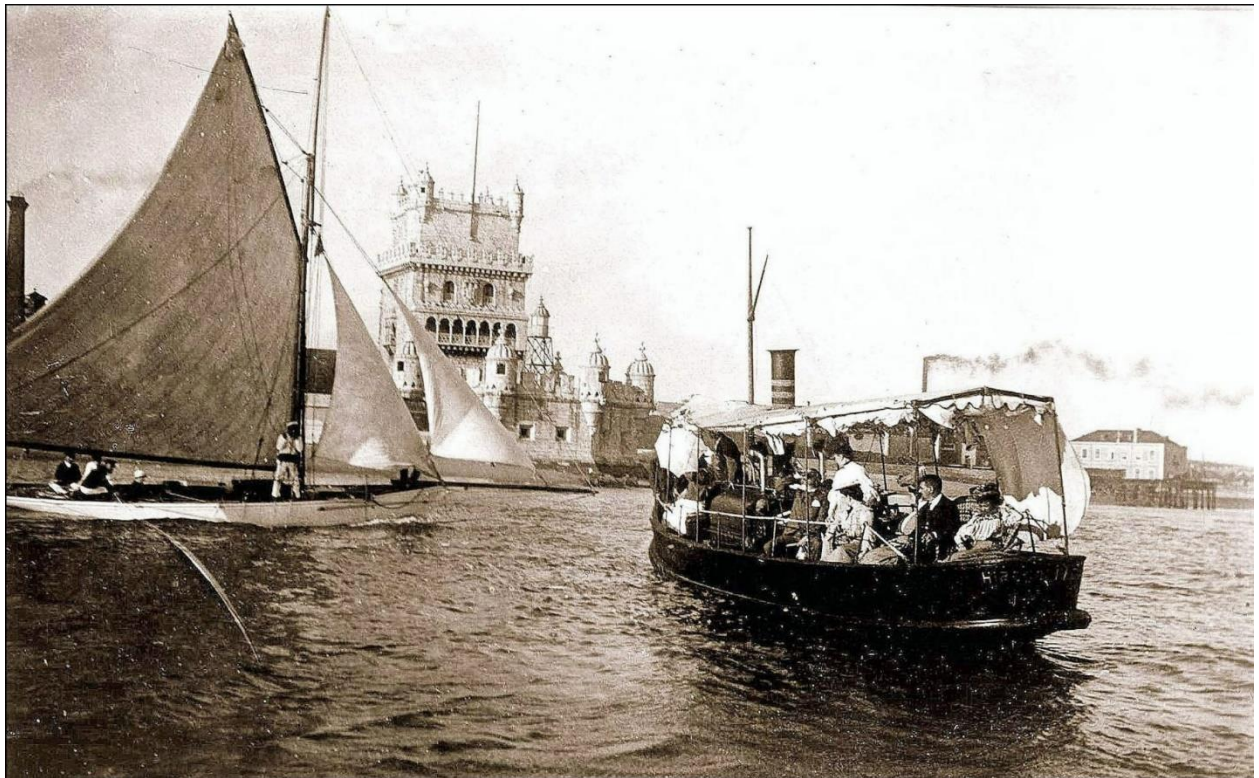
O Trabalho Final de Mestrado organiza-se em quatro capítulos principais que articulam o enquadramento teórico com a proposta de intervenção. O primeiro capítulo contextualiza historicamente o Aterro da Boavista, analisando a sua formação territorial e o papel estruturante do Tejo na evolução urbana de Lisboa. No segundo capítulo exploram-se modelos contemporâneos de habitar, focando-se no conceito de edifício híbrido, nas dinâmicas do co-living e nas estratégias de reabilitação urbana. O terceiro capítulo apresenta casos de referência nacionais e internacionais que contribuíram para a consolidação do pensamento crítico e metodológico do projeto. Por fim, o quarto capítulo dedica-se ao desenvolvimento da proposta arquitetónica. Este inclui a leitura da envolvente, a análise do local de intervenção e a descrição detalhada do edifício multiusos e da reabilitação do edifício existente. São abordadas a imagem arquitetónica, a definição programática e as opções materiais, destacando a articulação entre massa construída, espaço público e identidade urbana.

## EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA









1. Rio Tejo e torre de belém, 1905. Autor não identificado. Fotografia.

*“Aqui e além em Lisboa – quando vamos  
Com pressa ou distraídos pelas ruas  
Ao virar da esquina de súbito avistamos  
Irisado o Tejo:  
Então se tornam  
Leve o nosso corpo e a alma alada” (Andersen, 1994)*

### **1.1. LISBOA E O TEJO**

A relação entre Lisboa e o rio Tejo constitui um dos pilares fundacionais da cidade e da sua identidade urbana. Desde os tempos mais remotos, o estuário do Tejo revelou-se um lugar privilegiado para a ocupação humana, graças às suas condições naturais únicas, que proporcionavam proteção, abundância de recursos e fácil acesso por via marítima. Com a sua dimensão, profundidade e localização estratégica na costa atlântica, o Tejo foi alvo de grande interesse para a fixação de comunidades humanas que ali encontraram o suporte geográfico ideal para a atividade económica nomeadamente para o comércio dependente de navegação marítima (Costa, M. J. (2021)). As comunidades humanas que primeiro ali se instalaram, no Paleolítico Médio e Superior, caçavam, pescavam e armazenavam o que era preciso para a sua subsistência, utilizando o rio para estas e outras tantas tarefas. À medida que os ciclos sazonais aconteciam, também as comunidades acompanhavam esse ritmo, montando os acampamentos onde havia as melhores condições de sobrevivência. Vestígios de práticas funerárias, encontrados no Ribatejo pelos concheiros de Muge, revelavam conjuntos de conchas e ossos, datados com pelo menos oito mil anos, apontando uma apropriação simbólica que naturalmente aconteceu nos períodos temporários em que os povos se fixaram pelas margens do Tejo.



2. Lisboa Vista de Almada, 1870, fotografado por J. Laurent.

## **1.2. RECONSTRUÇÃO E EXPANSÃO DO TERRITÓRIO LISBOETA**

Lisboa sofre tremendas alterações com a destruição do terramoto de 1755. Edifícios e espaços de grande relevância económica e funcional da cidade perdem o seu propósito, havendo a necessidade imediata de reabilitar a cidade. Aqui entram Carlos Mardel e Eugénio dos Santos ao coordenarem projetos em resposta à catástrofe, reestruturando a morfologia da cidade e, conseqüentemente, a frente ribeirinha, que é pontuada pela Praça do Comércio, elemento que resolve o contacto direto entre a malha urbana e o Tejo.

Com a Revolução Industrial, a frente ribeirinha é alvo de grandes transformações, acompanhando o modelo das cidades portuárias do resto da Europa. Infraestruturas ferroviárias e industriais ocupam toda a zona ribeirinha, conferindo-lhe o ambiente fabril, produtivo e mecânico que hoje ainda é preservado em inúmeros elementos que se mantêm ativos e fundamentais para o funcionamento da cidade.

“O Caminho de Ferro, o desejado, como ilustra D. Sebastião na estação do Rossio, chega à cidade. Indústria e o porto: Alcântara, habitação operária, equipamentos. Novas formas de energia e abastecimento. A Central Tejo, os chafarizes de Mardel, o Mercado da Ribeira de Piloto, no Aterro da Boavista.” (Brandão, P. & Jorge, F. (1996) p. 10.)

Toda esta mutação e novas adições dão um novo limite a Lisboa.

## EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA



Imagens que mostram a mudança do lugar ao longo do tempo, onde se encontra o edifício dos Sodrés, à direita, na atual praça Duque da Terceira.

3. O embarque do General Junot depois da convenção de Sintra no Cais do Sodré, 1808 Henri L'Evêque e F. Bartolozzi.

4. Fotografia Panorâmica do Cais do Sodré, 1886, fotógrafo não identificado.



5. Fotografia Panorâmica do Cais do Sodré, 1944, Judah Benoliel.

*“Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,  
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,  
Instrumentos de precisão, aparelhos de triturar, de cavar,  
Engenhos brocas, máquinas rotativas!*

*(...) Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!”*  
(Campos, 1915)



6. Fotografia da Estação do Cais do Sodré.

## **1.2. ATERRO DA BOAVISTA**

Como já antes referido, a decisão de materializar o Aterro da Boavista surge com a necessidade de expandir o território portuário e industrial que até à segunda metade do século XIX era um local dominado pelas pequenas indústrias que ali então foram crescendo de forma desorganizada e sem planeamento. Pescadores e comerciantes instalavam-se na zona costeira, resultando na acumulação de detritos e poluição, pelo que era imperativo também haver uma ação sanitária que permitisse uma higienização e

uma reapropriação mais adequada do espaço. “As obras do porto. Das praias, que eram vazadoures de lixo, passou-se à industrialização da margem, com as primeiras preocupações com o ambiente e a higiene, no decreto de D. Carlos, sobre o domínio público marítimo.” (Brandão, P. & Jorge, F. 1996).



7. Antiga Rua 24 de Julho, fotografada por francesco Rochini em 1895

Vitorino Damásio, engenheiro, dirige a construção em 1855 do plano urbano que assenta sobre o novo aterro e esta urbanização é caracterizada pelos lotes alongados e apontados à linha costeira. Estes lotes são posteriormente perfurados numa linha transversal que forma a rua D. Luís I. Esta nova linha de costa oferece uma alameda pontuada pelo sombreamento de árvores que agradou bastante o público, pois o que era antes uma praia poluída infestada pela indústria, passa a ser um local limpo, de fácil acesso e confortável, e considerado “um dos mais belos passeios públicos” (Castilho, J. de, 1893)

No entanto, com o crescimento do Porto de Lisboa, Infraestruturas industriais e ferroviárias ocuparam toda a zona ribeirinha, o Aterro da Boavista incluído, conferindo-lhe o ambiente fabril, produtivo e mecânico que hoje ainda é preservado em inúmeros elementos que se mantêm ativos e fundamentais para o funcionamento da cidade.

Este lugar voltou a assumir o carácter industrial com a nova construção de armazéns e caminho de ferro servidores da indústria portuária, interrompendo assim o contacto direto com o rio.

Esta lógica urbana imprimiu uma forte vertente industrial que atualmente está ainda bastante presente no aterro da Boavista, justificada pela presença de diversas peças, como armazéns e vestígios de estruturas de foro industrial.

EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA



8. Fotografia da construção do aterro no porto de Lisboa, cerca de 1860, fotografada por Legado Seixas.

*“Naquele cais de pedra, sob o olhar dos armazéns,  
Naquele cais antigo que cheira a vidas  
Que tiveram mar, e cuja memória ficou ali...*

*Lisboa, com suas casas de várias cores  
Vista do cais, da banda de lá do Tejo...”*

Esta expansão trouxe consigo consequências significativas para a cidade. A frente ribeirinha transforma-se num território técnico e funcional, interdito ao uso quotidiano da população. A cidade deixa de se pensar em relação ao Tejo, que passa a estar oculto por trás das infraestruturas portuárias.

Já no século XX, apesar de melhorias estruturais como o plano de 1946 e a criação do terminal de contentores nos anos 70, verifica-se um progressivo abandono de áreas portuárias centrais, motivado pela descentralização para a margem sul. Esta mudança reflete uma tendência comum nas zonas portuárias das cidades europeias, onde a crescente especialização funcional dos portos levou à sua dissociação do espaço urbano.

EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA



9. Porto de Lisboa, 1919, fotógrafo não identificado.

Este percurso revela a complexa evolução da relação entre Lisboa e o Tejo: de uma simbiose fundadora a um afastamento provocado pela industrialização e modernização. A reaproximação entre cidade e rio, hoje promovida por iniciativas de regeneração urbana, exige o reconhecimento deste passado para orientar futuras intervenções sustentáveis e integradoras.

Em 2015 é aplicado um novo plano de pormenor do território urbano, desenhado pelo arquiteto João Luís Carrilho da Graça onde é proposto um desenho de quarteirões com uma matriz semelhante à antiga matriz original do Aterro da Boavista incluindo edifícios de uso misto de serviços, comércio e habitação. Este novo plano tem a intenção de devolver o contacto com o rio que o plano de 1855 oferecia.



10. Fotografia no Cais do Sodré, 2018, fotografado por Rosa Marqués.







## EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA

## 2.1. – HIBRIDISMO

“O objeto híbrido é sempre um objeto a meio (entre tempos, entre tipologias, entre processos). Um objeto que resulta de colisões muito diversas: morfológicas, funcionais, tecnológicas, culturais (...).” (Monteiro, 2006, p. 20).

A palavra “híbrido” tem raízes no latim *hybrida*, usada para designar cruzamentos entre espécies distintas. O termo teve uma conotação negativa durante muito tempo, ligada à ideia de impureza ou mistura descontrolada (Eco, 2003).

No entanto, com o tempo, passou a ser visto como um motor de inovação, tanto na ciência como nas artes. Na arquitectura, o hibridismo surge precisamente dessa vontade de juntar mundos que normalmente estariam separados: funções, escalas, lógicas construtivas, temporalidades.

Esta ideia de mistura não é nova. As cidades sempre foram espaços híbridos por natureza. Desde a antiguidade que se sobrepõem usos privados e públicos, rituais e quotidianos, permanentes e temporários. A arquitectura acompanhou isso, ainda que muitas vezes de forma menos consciente. O que muda no século XX, sobretudo a partir da década de 60, é a afirmação do hibridismo como estratégia intencional de projecto, por isso, uma resposta directa à rigidez funcionalista do modernismo.

Exemplos como o *Fun Palace* de Cedric Price ou o *Centre Pompidou* mostram essa viragem: edifícios pensados como infra-estruturas abertas, preparadas para acolher diferentes



11. Ponte Vecchio, Florença, fotografado por Guillaume Z.



12. Fotografia da fachada poente do Centro Pompidou e a relação com a praça.

usos ao longo do tempo. O programa deixa de ser fixo, e isso exige também outra forma de pensar o espaço.

Rem Koolhaas dá um contributo importante nesse sentido. Em *S, M, L, XL*, insiste na ideia de programa instável, defendendo que os edifícios devem assumir a complexidade da cidade e permitir usos múltiplos e em constante mudança (Koolhaas, 1995).

A Biblioteca de Seattle ou a Casa da Música são bons exemplos dessa arquitectura híbrida, onde o edifício já não se fecha sobre si mesmo, mas abre-se à vida urbana.

Hoje, falar de hibridismo é mais relevante do que nunca. As cidades estão mais densas, os recursos são mais escassos e os modos de vida tornaram-se mais diversos. No centro de Lisboa, em zonas como o Cais do Sodré, não faz sentido construir edifícios com uma única função. Cruzar habitação, trabalho, cultura e espaço público é quase uma obrigação.



13. Casa da Música.

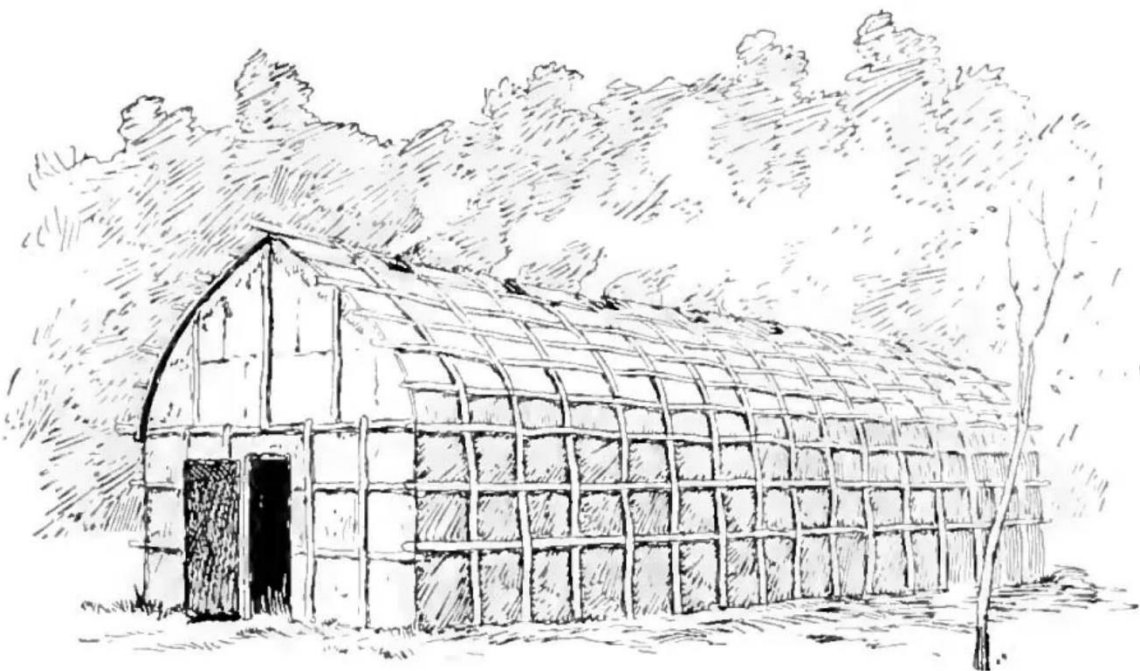
## **2.2. CO-LIVING**

Embora o conceito de “co-living” seja relativamente recente, o habitar em comunidade é algo que está profundamente enraizado na história da humanidade, e existe desde que as primeiras comunidades nômadas se agruparam para caçar, colecionar e, eventualmente, cultivar tudo o que necessitam para a sua sobrevivência. Estas sociedades recoletoras consistiam no conjunto de uma série de famílias que se apoiavam umas nas outras criando assim uma rede de suporte e proteção geral da comunidade. Estruturas como as “longhouses”, que eram construções estreitas na sua proporção, de uma divisão apenas e partilhadas, presentes há milhares de anos em diferentes culturas asiáticas, Norte Americanas e Europeias, são dos primeiros exemplos de habitação coletiva.

À medida que as sociedades avançaram, também os modelos habitacionais se adaptaram. No entanto, na Idade Média e com o modelo tradicional familiar a ganhar popularidade, ainda assim se acolhiam com frequência outros elementos não pertencentes ao agregado familiar nas casas.



14. Longhouse em Fyrkat, Dinamarca.



15. Desenho de uma Longhouse norte-americana.

Já com Revolução Industrial a distanciação entre o espaço laboral e o espaço doméstico veio frisar a ideia de privacidade e individualização da habitação. Ainda assim, as “boarding houses”, que eram casas tipicamente de uma família, onde se alugavam quartos com serviços comuns, mantiveram a sua presença na sociedade e na oferta imobiliária até meados do século XX. O chamado “*co-living*” surge como resposta contemporânea às transformações nas formas de habitar e aparece sobretudo nas grandes cidades onde o isolamento social, a pressão do mercado imobiliário e a mobilidade profissional exigem novas formas de ocupação residencial. Esta modalidade sugere uma solução habitacional de partilha de espaços e recursos amplos e equipados para promover o sentido de comunidade, ao mesmo tempo que garante também espaços privados, resultando assim numa forma de habitar híbrida entre o alojamento individual e a vida em comunidade. Embora partilhe alguns dos aspetos de formas históricas de habitar como as pensões ou edifícios emblemáticos como a “Unité d’habitation” de Corbusier, esta modalidade assume hoje contornos mais adaptáveis e flexíveis. Recorre frequentemente a tecnologias digitais na gestão dos espaços e integra um estilo de vida urbano que privilegia a mobilidade, e promove a sustentabilidade e a sociabilidade. O *Co-living Design Study*, realizado por MVRDV em parceria com HUB e Bridges Fund Management, indica que a partilha de espaços como de co-working, de eventos e atividades de grupo pode gerar interações sociais significativas, contribuindo para o bem-estar dos que habitam neste tipo de espaços. (MVRDV et

al., 2024)

Os elevados preços das casas no mercado e o estilo de vida cada vez mais solitário e nómada da sociedade fez com que este modo de viver se tornasse progressivamente mais apelativo. Hoje em dia e especialmente em cidades como Lisboa, onde é cada vez mais difícil sustentar uma casa, faz ainda mais sentido habitar desta forma, pois para quem não tem possibilidades financeiras para comprar ou arrendar a sua habitação, é uma opção relativamente económica.

Contudo, quem procura “*co-living*” espera melhores condições e manutenção, bem como boas localizações. Outra vantagem é também o facto de não haver a necessidade de procurar alguém para partilhar casa e passar pelas complicações de contratos partilhados e a imprevisibilidade dos senhorios, ou seja, todo o processo de apropriação de um quarto numa destas habitações é bastante mais agilizado.

Estudantes, nómadas digitais e especialmente recém-graduados são de modo geral o tipo de pessoas que escolhem viver partilhando os espaços comuns. Existe também outro grupo cujo interesse neste modo de habitar tem vindo a crescer, grupo esse que consiste em pessoas de uma faixa etária um pouco mais avançada, com maiores salários e sem filhos ou que se mudarem para uma nova cidade.

### **2.3. – REABILITAÇÃO**

*“Thou who stealest fire,  
From the fountains of the past,  
To glorify the present; oh, haste,  
Visit my low desire!”  
(Tennyson, 1830)*

Reabilitar um edifício implica escolher cuidadosamente o que se mantém e o que se altera. Há abordagens que procuram preservar a maior parte dos elementos existentes, tais como a estrutura, a organização dos espaços, os materiais ou acabamentos, enquanto que outras, embora respeitem a volumetria ou a presença urbana do edifício, propõem uma reformulação profunda do seu interior. Em ambos os casos, a questão central é como dar continuidade à vida do edifício, sem lhe apagar a memória.



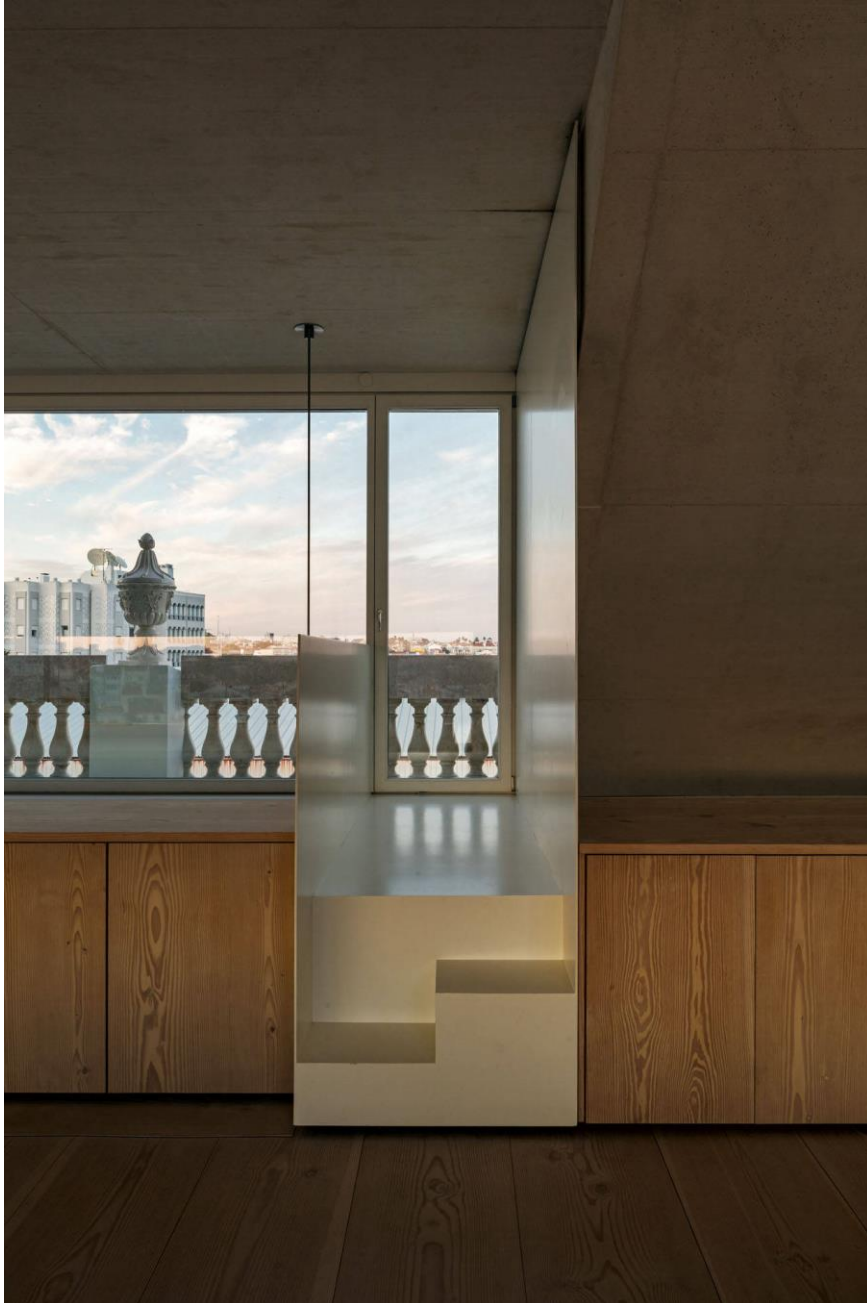
16. Projeto da Rua dos Douradores, de José Adrião, existente.



17. Projeto da Rua dos Douradores, de José Adrião, concluído.

Como defende Feilden (2003, p. xiv), a conservação eficaz deve considerar não apenas os elementos materiais, mas também a experiência sensorial e ambiental do espaço, sublinhando a importância de conservar o “espírito do lugar”. No entanto, essa opção impõe condicionantes ao nível do desempenho térmico e acústico, da integração de novas infraestruturas, e da adaptação a programas contemporâneos. O Projeto da Rua dos Douradores de José Adrião é um exemplo premiado de como integrar elementos contemporâneos num projeto de reabilitação total e ao mesmo tempo conseguir conservar os componentes mais importantes do ponto de vista histórico e cultural. Segundo José Adrião, no descritivo para o projeto, “(...) considerámos de vital importância revelar os frescos, que permaneceram debaixo de camadas de tinta sem serem visto durante décadas.”

Por outro lado, há projetos contemporâneos que conservam a fachada existente que se mantém apenas a fachada, enquanto o interior é completamente transformado. Esta estratégia, frequentemente usada em contextos urbanos densos, procura preservar a imagem da cidade ao mesmo tempo que permite criar espaços interiores compatíveis com as exigências actuais de conforto, funcionalidade e acessibilidade.



18. Vista interior da Quelhas House.

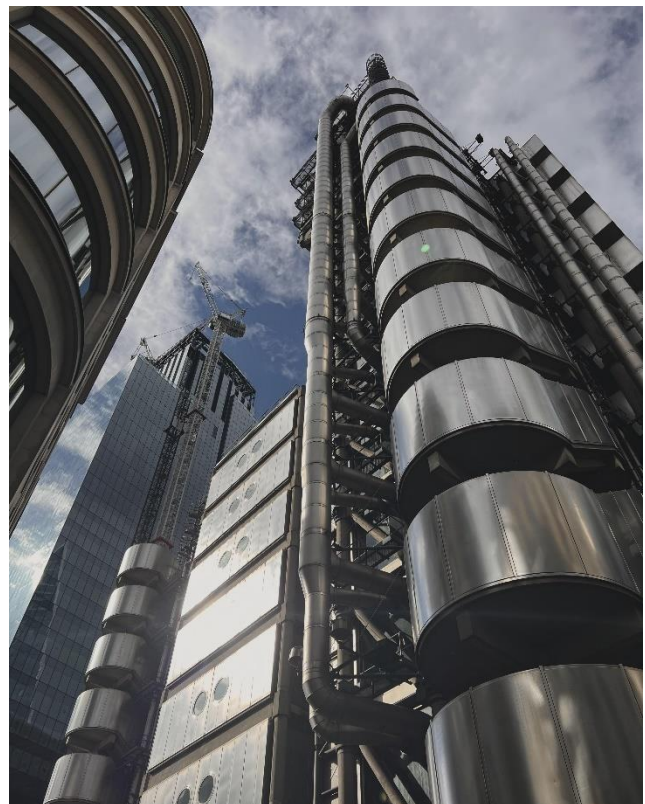
Esta prática pode ser válida se houver coerência entre a estrutura formal preservada e a nova organização espacial. Exemplos como a “Quelhas House” ou o “Lloyd’s building” ilustram de certa forma como se pode levar ao limite esta segunda abordagem, talvez até de uma forma algo controversa. A obra de Mendes da Rocha e Lobo assume-se como um objeto totalmente novo no interior, e na fachada que enfrenta o logradouro. Além disso, recebe uma cobertura pensada de raiz e que se destaca dos telhados vizinhos pelo seu cariz contemporâneo. Apesar de tudo isto, a casa agarra-se à fachada existente de uma forma muito íntima, criando diálogos com os vãos e os elementos da balaustrada que se enquadram nos grandes envidraçados do último andar.

Richard Rogers, o arquiteto responsável pelo edifício Lloyd da grande seguradora, teve uma abordagem diferente. A decisão de manter a fachada da entrada do edifício antigo é, no fundo, uma ode à memória da pré-existência. O edifício emblemático dos anos 80 é conhecido por ter sido feito “do avesso” e apresenta um desenho completamente original e pensado em altura, em oposição ao seu antecessor que tinha a forma dos edifícios tipicamente neo-clássicos. Portanto, a fachada antiga e atualmente presente e parte do edifício, adquire um caráter escultórico mais do que funcional.

EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA



19. Fachada existente conservada no Lloyd's building.

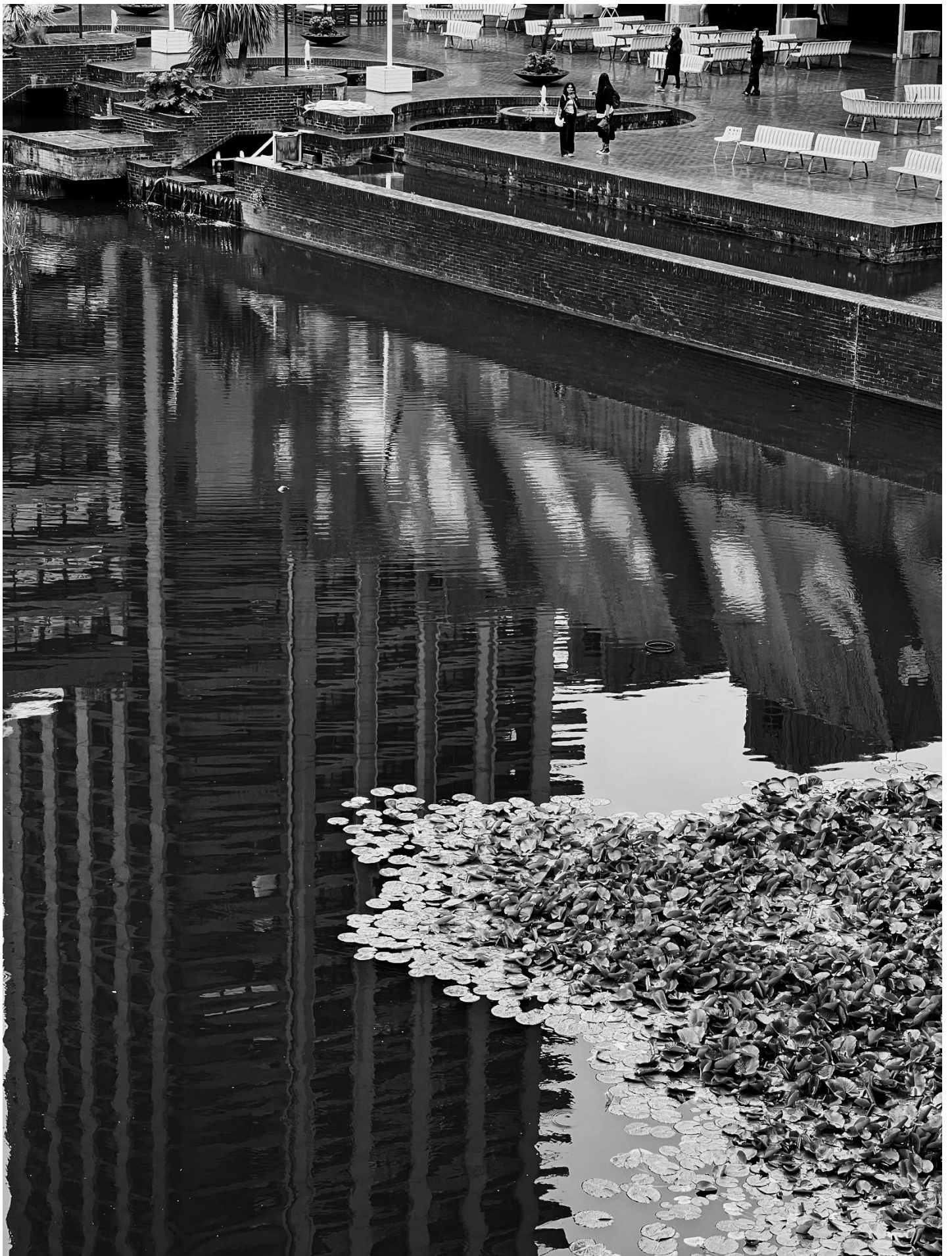


20. Forma geral do Lloyd's building.

Em síntese, reabilitar mantendo a totalidade dos componentes implica um exercício de adaptação cuidadosa dentro de um envelope existente. Já manter apenas a fachada permite maior liberdade interior, mas exige atenção à integridade arquitectónica do conjunto. Ambas as abordagens são válidas, o que as distingue é a intenção crítica com que são aplicadas. Reabilitar não é replicar o passado, mas sim interpretá-lo com responsabilidade e clareza de propósito.







21. Imagem do grande lago do Barbican, fotografado pelo autor em Setembro de 2024.

## 2.1. COMPLEXO BARBICAN ESTATE

**Projeto:** The Barbican Estate

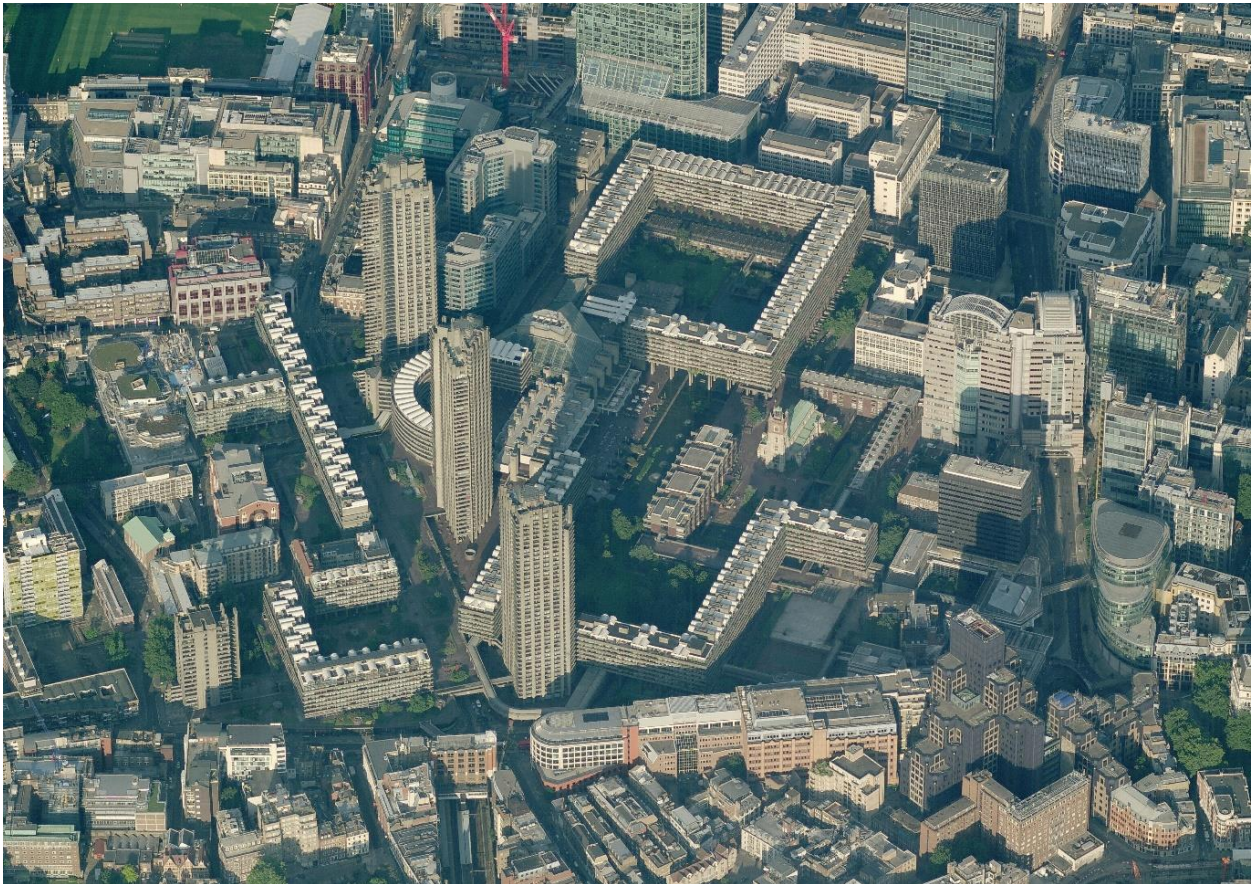
**Sítio:** Londres, Reino Unido

**Ano de construção:** Finalizado em 1982

**Arquiteto/a:** Chamberlin, Powell e Bon

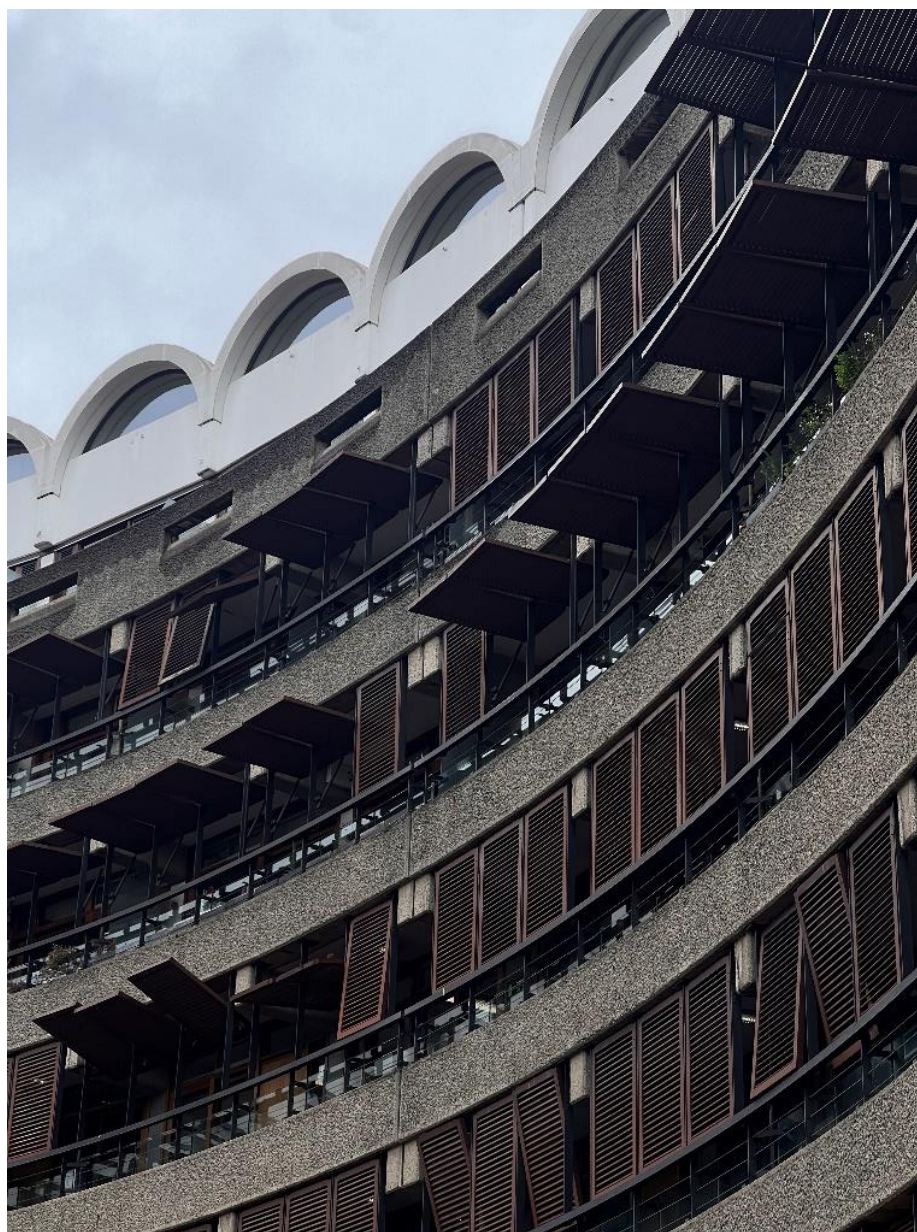
**Tipologia:** multiprogramática

O complexo Barbican é considerado uma das intervenções urbanas mais importantes do pós-guerra em Londres, com a necessidade da reconstrução de uma zona altamente afetada pelos bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial. Como resposta a este problema, o Barbican foi concebido para introduzir densidade habitacional e, simultaneamente, diversificar a oferta programática da zona. Mais do que apenas resolver um problema funcional, o projeto acaba por criar um novo modelo urbano, capaz de integrar habitação, cultura, educação e espaços públicos numa proposta coesa e multifacetada.



22. Fotografia aérea do conjunto Barbican.

O Barbican Estate começou a ser concebido na década de 1950 por um pequeno atelier de arquitetura composto por Chamberlin, Powell e Bon. Movidos pela sonho de erguer as torres residenciais mais altas da Europa e de aplicar novos modelos de vida urbana, os jovens arquitetos desenvolveram um plano tão robusto quanto inovador, assim evitando linguagens arquitetónicas tradicionais até então presentes no continente europeu. Admiradores do modernismo, optaram pelo brutalismo como expressão simbólica da reconstrução de Londres depois de anos de destruição. *“it was going to be a showpiece grand statement. This was going to be a physical symbol of how London could really rise again after the destruction of the old city. It was a vision of a new city quarter, it was Europe’s largest reconstruction project, it was going to have Europe’s tallest residential tower blocks. It was really going to show visibly how London could be a futuristic city.”* (Ross, 2013). Só em 1982, duas décadas depois é que o complexo foi inaugurado.



23. Fachada do Bloco V, fotografado pelo autor em Setembro de 2024.

Do ponto de vista conceptual, o Barbican pode ser entendido como um híbrido urbano, composto por diferentes volumes e programas que, embora autónomos, operam como um organismo único. Essa interligação é assegurada por um sistema de percurso entre os vários edifícios e garante uma continuidade espacial muito característica. Esta abordagem permitiu que o conjunto funcionasse como uma entidade unificada, gerindo o território de forma sistémica e abrindo espaço para uma leitura mais orgânica da cidade.

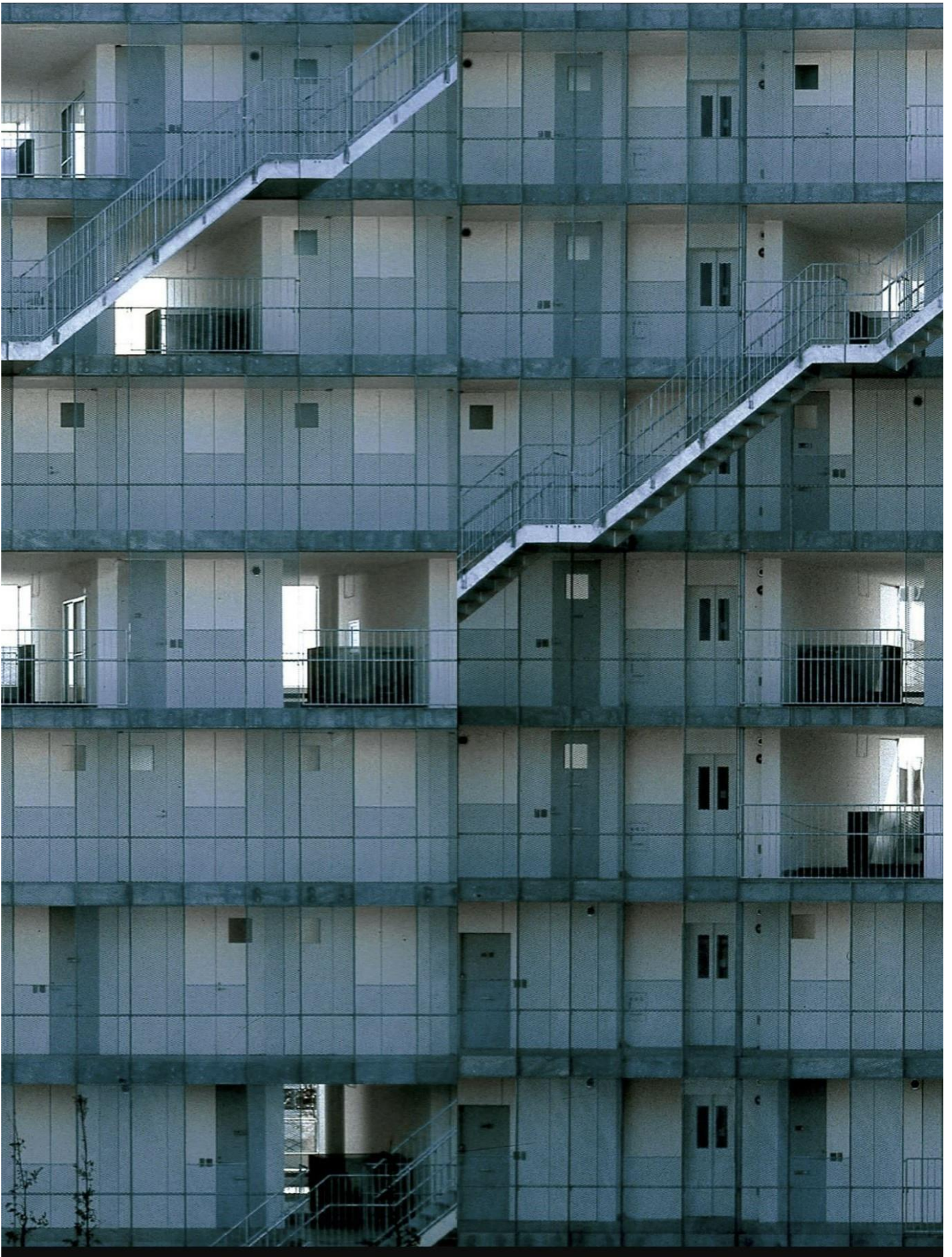
Concluindo, é evidente a intenção de promover uma vivência pedonal qualificada. O sistema de passagens pedonais encontra-se, maioritariamente, a uma cota superior da cota de circulação do tráfego automóvel, que é remetida para os níveis inferiores. Este gesto resulta na organização dos fluxos internos do conjunto e na separação entre a circulação de peões e tráfego automóvel, o que revela a valorização da vivência coletiva, elemento central na proposta do Barbican enquanto modelo de cidade moderna e integrada.

## EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA



24. Relação do Bloco IV com a vegetação e a água, fotografado pelo autor em Setembro de 2024.





25. Fachada Norte do Kitagata Apartment Building.

## 2.2. KITAGATA APARTMENT BUILDING

**Projeto:** Kitagata Apartment Building

**Sítio:** Kitagata, Gifu, Japão

**Ano de construção:** Finalizado em 1998

**Arquiteto/a:** Kazuyo Sejima

**Tipologia:** Habitação pública

O Kitagata Apartment Building Faz parte de um grande projeto de reabilitação para habitação pública promovido pela prefeitura de Gifu. Este projeto, concebido no final da década de 1990, serpenteia como um conjunto de quatro blocos independentes que aparentam ser todos um só. O projeto destaca-se dos blocos habitacionais convencionais pela sua abordagem leve e dinâmica, evidenciada pelos seguintes aspetos: diferentes tipologias de apartamento, muitos deles em modelo duplex; a redução na profundidade do edifício, que contraria a norma dos edifícios de habitação pública e abre espaço para um novo paradigma habitacional; cada unidade tem o seu terraço que perfura transversalmente o edifício, conferindo-lhe assim uma maior leveza e descolando-se da monotonia típica de grandes conjuntos habitacionais; as varandas individuais e a presença da “sun room” ao longo da fachada sul potenciam a entrada de luz natural e promovem a ventilação cruzada, enquanto estabelecem uma relação direta entre o interior e o exterior; e por fim a pele metálica oferece proteção do sol tanto para a fachada como para o interior das habitações.

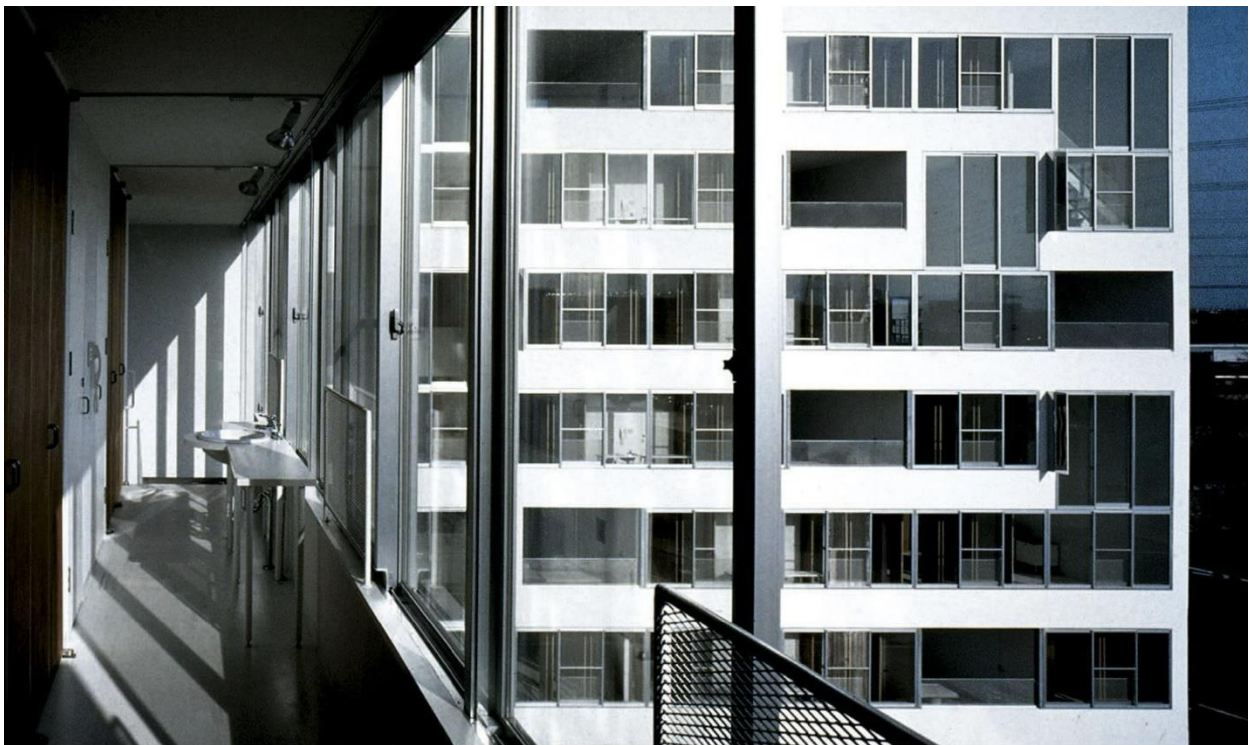


26. Fachada Sul do Kitagata Apartment Building.

varandas individuais e a presença da “sun room” ao longo da fachada sul potenciam a entrada de luz natural e promovem a ventilação cruzada, enquanto estabelecem uma relação direta entre o interior e o exterior; e por fim a pele metálica oferece proteção do sol tanto para a fachada como para o interior das habitações.

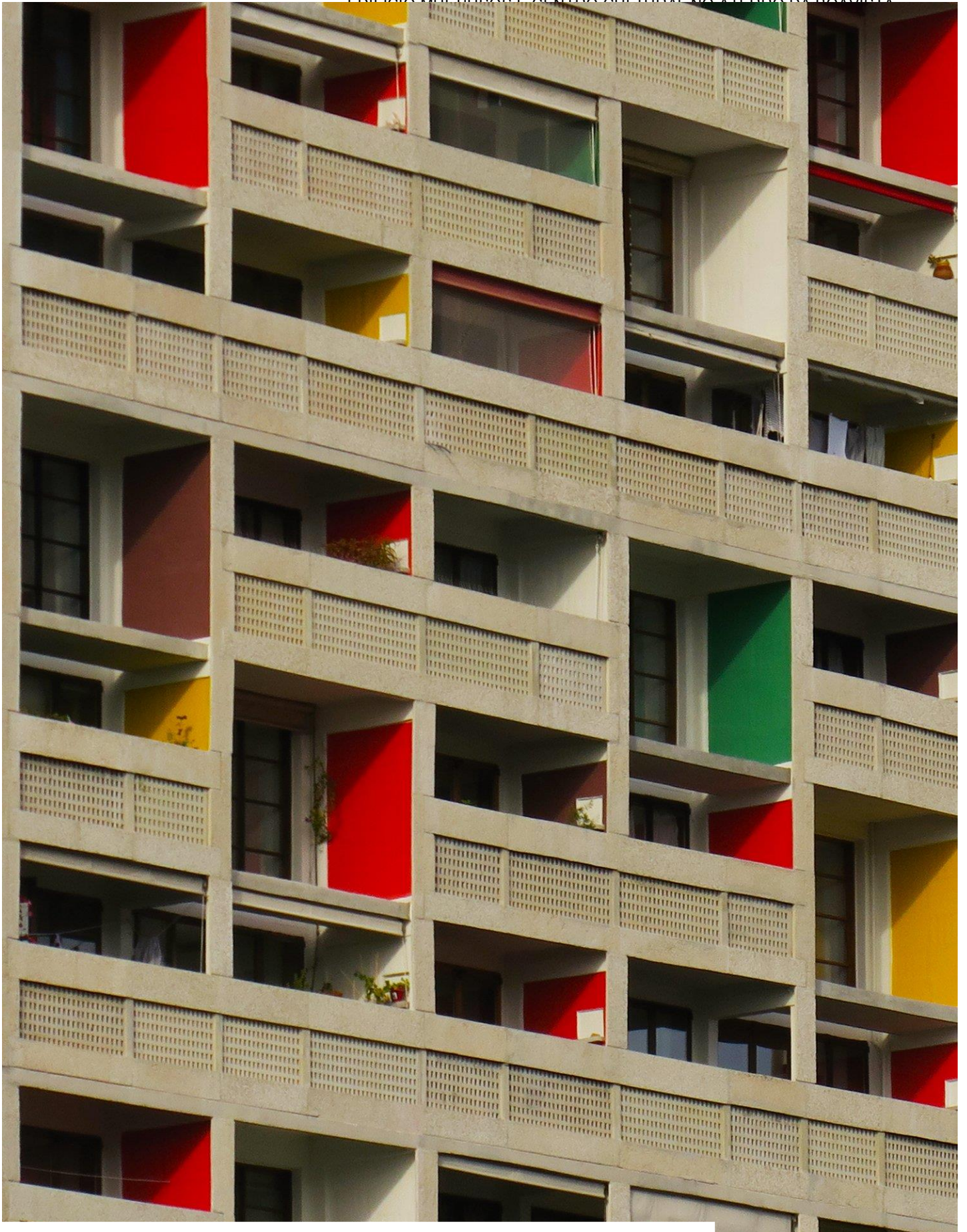
O parque de estacionamento, localizado no piso 0, insere-se no vazio criado pela composição de pilares em lâmina que permitem entrada e saída a partir de todas as direções. O conjunto de materiais utilizados simples, incluindo o betão aparente, elementos envidraçados e grelhas metálicas, reforça a leitura clara da estrutura e a transparência do corpo do edificado.

Este projeto é um exemplo de como se pode reinventar o paradigma da habitação coletiva sem recorrer a métodos complexos e difíceis. A leveza que aparenta num edifício de dimensão superior, a presença da grelha metálica que unifica a fachada e a perfuração dos blocos para os terraços, foram tudo elementos que ajudaram a definir e a conceber o Edifício Multiusos que é desenvolvido nesta Trabalho Final de Mestrado.



27. Interior de apartamento no Kitagata Apartment Building.





28. Fachada da Unité d'Habitation, Marselha.

### 2.3. UNITÉ D’HABITATION

**Projeto:** Unité d’Habitation

**Sítio:** Marselha, sul de França

**Ano de construção:** Finalizado em 1952

**Arquiteto/a:** Le Corbusier

**Tipologia:** Habitação coletiva

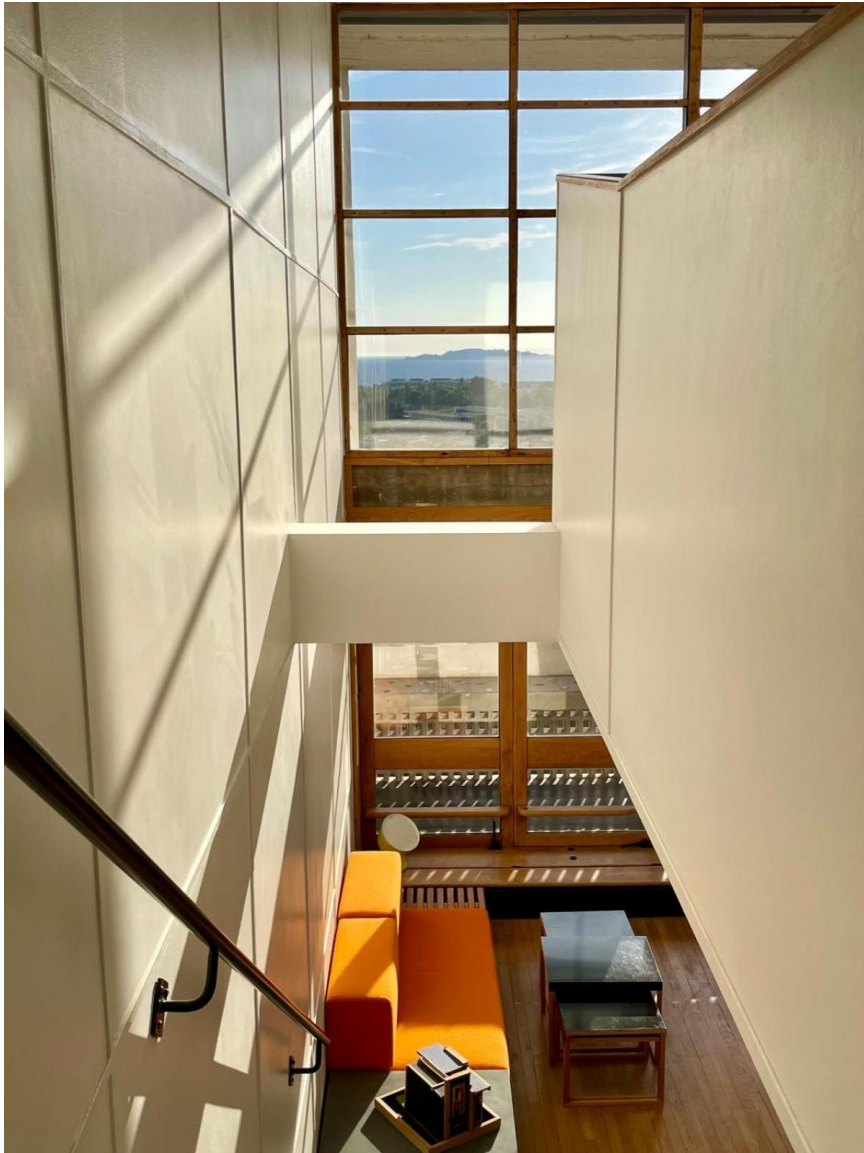
A Unité d’Habitation é um marco incontornável da arquitetura moderna e da habitação coletiva. Projetado pelo célebre arquiteto e pai do modernismo, Le Corbusier, este edifício vem romper os paradigmas da habitação social, incorporando ideias e conceitos que se destacam dos modelos tradicionais de habitação do pós-guerra. Com a necessidade de resolver o problema da falta de habitação e de criar comunidades auto-suficientes, Corbusier foi movido pela imaginação do conceito de “cidade vertical”, onde as funções urbanas essenciais existem num volume único.



29. Relação com o exterior e sistema de suporte do edifício.

A Unité consiste num volume retangular com 137 metros de comprimento por 56 metros de altura, e a sua direção obedece à orientação solar, mostrando uma fachada a nascente e outra a poente. Logo, a sua implantação é rodada à avenida onde está encostado, o que gera um certo dinamismo urbano e quebra a relação direta com a circulação automóvel. Esta posição traz também o benefício de ser paralela à linha de costa, o que estabelece um enquadramento mais forte com o mar.

As unidades habitacionais seguem um esquema duplex intercalado, criando galerias interiores a cada três andares, o que permite que cada habitação tenha ventilação cruzada e orientação solar favorável, de nascente a poente. Esta escolha revela-se tanto nos cortes como nas fachadas, onde imprime dinamismo e um caráter orgânico cuja composição é ritmada pela estrutura das varandas e pelos elementos de cor. A Unité integra ainda espaços partilhados, como uma zona comercial no sétimo andar, jardins suspensos e, na cobertura, um ginásio, que completa a ideia de habitação como microcosmo urbano.

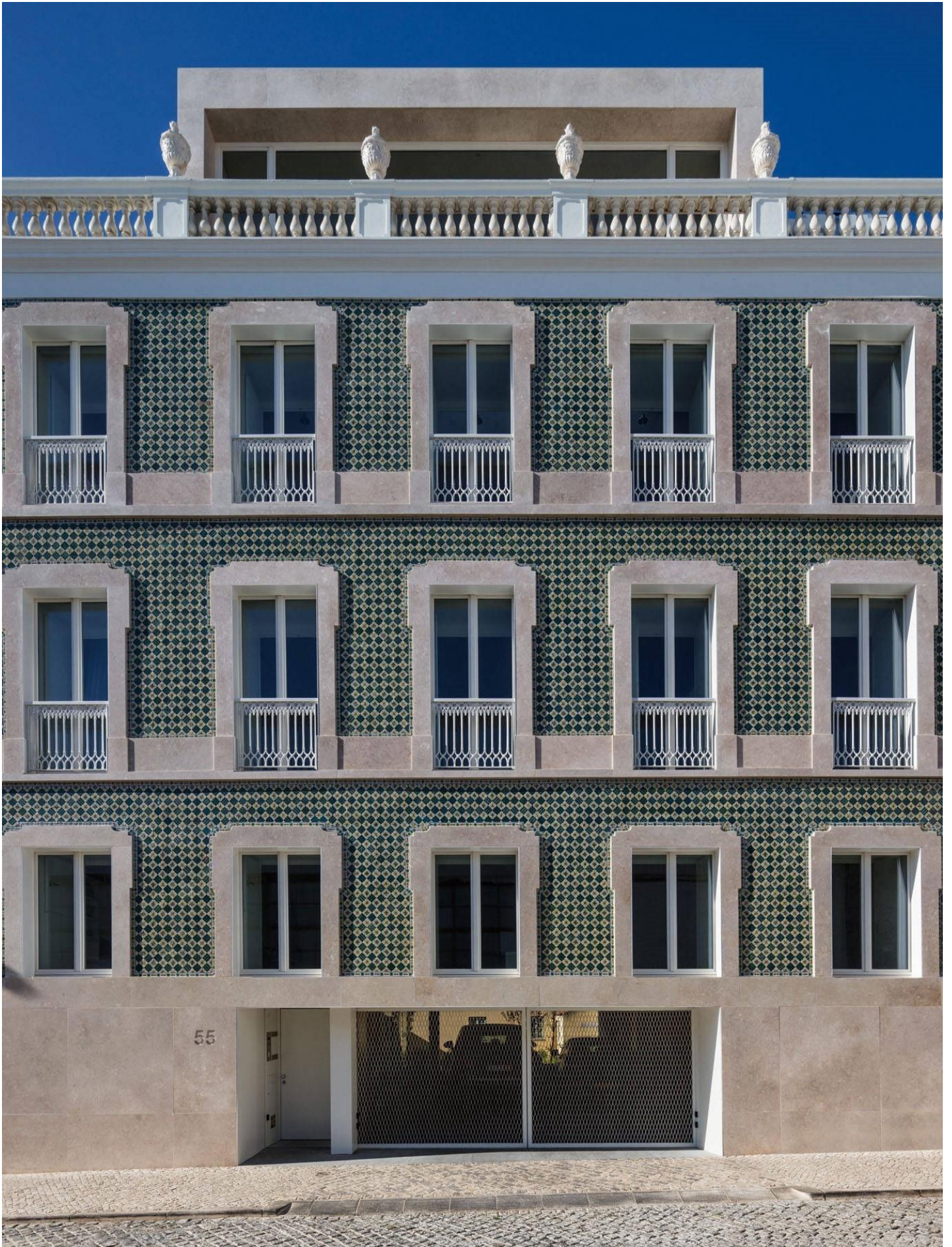


30. Interior de um apartamento da Unitè.

Por fim, o edifício tem uma métrica estrutural de dimensão menor do que a estrutura que suporta todo o edifício, que, por sua vez, é composta por um conjunto de grandes pilares arredondados a suportar um “casco” de betão onde correm as coretes. Este aspeto foi basilar na conceção do edifício multiusos, objeto da tese de mestrado, porque ajudou a resolver a intenção de abrir espaço na base do edifício para a aplicação de programa. Para além disso, o esquema de duplex das unidades habitacionais foi também referência para a resolução das tipologias de apartamento incorporadas no edifício multiusos. Os dois pontos anteriormente referidos foram as principais influências da Unité para o TFM, no entanto, todo o pensamento de habitar em comunidade e da “cidade vertical”, também anteriormente explorado, é um fio condutor da intenção e objetivo do edifício multiusos.







31. Quelhas House, alçado rehabilitado.

## 2.4. QUELHAS HOUSE

**Projeto:** Quelhas House

**Sítio:** Lisboa, Portugal

**Ano de construção:** Finalizado em 1972

**Arquiteto/a:** Inês Lobo e Paulo Mendes da Rocha

**Tipologia:** Habitação

O projecto corresponde à transformação de um edifício antigo de habitação situado na Lapa, uma zona histórica de Lisboa. A proposta nasce da relação com o contexto urbano, tanto na proximidade à escala humana na rua e no bairro como na distância mais alargada de paisagem e a vista sobre a cidade. A articulação entre o público e o privado, entre o aperto e a abertura, orienta a organização da casa.

A construção assenta num novo volume que respeita a escala do edifício pré-existente. A antiga fachada, mantida no seu lugar original, serve de matriz para o novo corpo: define a cadência dos pisos e a lógica distributiva dos espaços. O programa organiza-se por níveis. No piso térreo, estabelece-se a entrada.

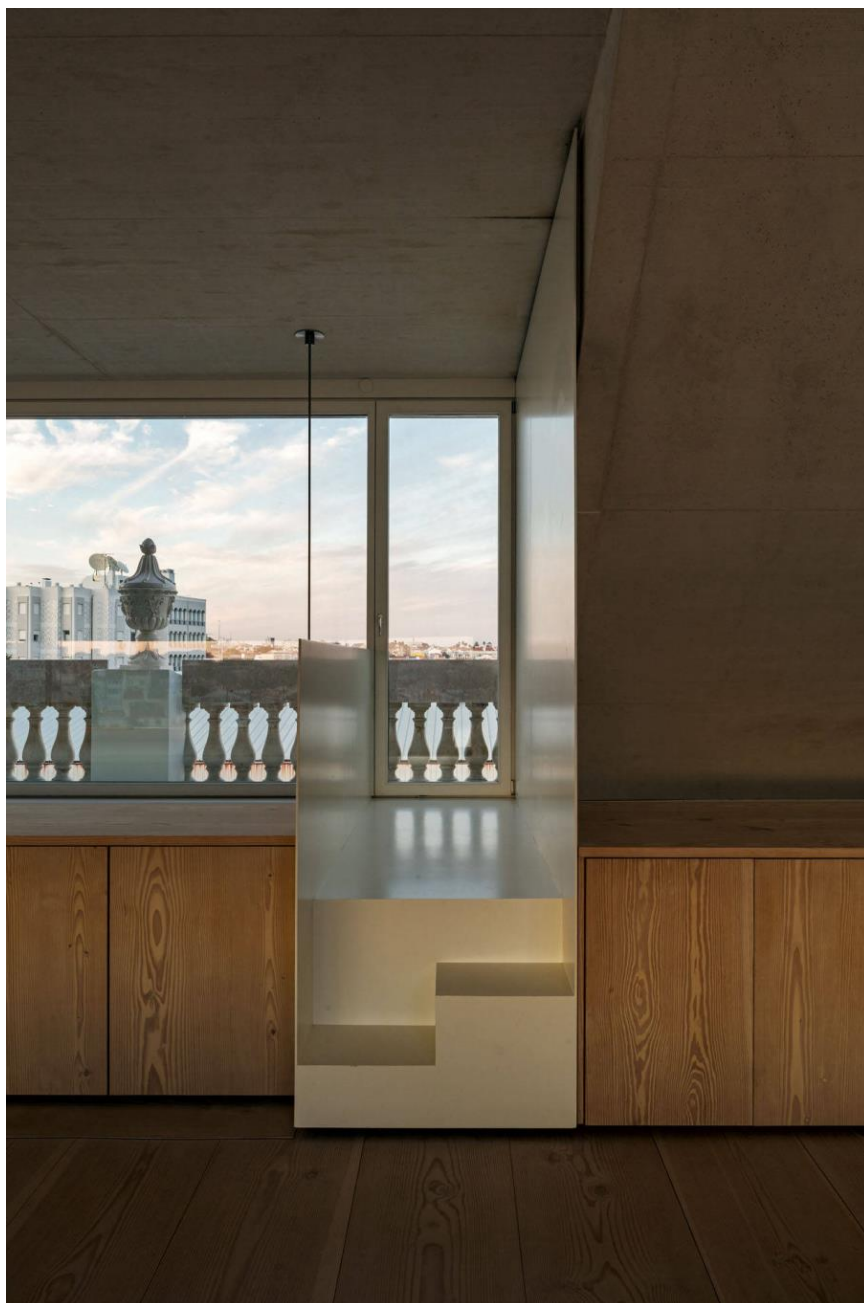


32. Vista aérea, Quelhas House.

Nos dois pisos seguintes, desenvolvem-se as áreas mais íntimas — os quartos dos filhos e dos pais, cuidadosamente separados. Nos dois andares superiores situam-se os espaços sociais: a sala de estar, no antigo sótão, e, imediatamente abaixo, a sala de jantar e o terraço com piscina e vista sobre Lisboa.

A forma do edifício resulta da leitura das condições do lugar. A posição elevada sobre a cidade e a presença do tecido histórico sugerem uma resposta contida mas aberta. A relação com a rua exigia uma intervenção discreta; já a vista sobre a cidade pedia ambição — quase como um ninho suspenso.

A estrutura de betão armado moldado no local reforça a fachada existente e organiza os apoios principais. Os núcleos de circulação vertical e os espaços técnicos encontram-se nas extremidades, libertando o espaço central para os usos habitacionais. A materialidade recorre a soluções tradicionais portuguesas — betão, madeira, pedra calcária e mosaico hidráulico — usados com rigor e intencionalidade. O desenho e o detalhe permitem que estrutura e espaço se tornem inseparáveis, buscando a naturalidade através do artifício.



33. Vista interior da Quelhas House.









## **PROJETO**

### **INTRODUÇÃO**

Após uma análise histórica da cidade, dos conceitos e objetos arquitetónicos que contribuíram para a conceptualização do Edifício Multiusos (B) e do Centro Cultural (A), será agora apresentada e aprofundada a intervenção sobre a parcela do Aterro da Boavista que recebe este novo objeto articulador dos diferentes vazios criados no espaço.

Assim sendo, a organização deste capítulo será dividida em quatro partes: o lugar, o local da intervenção, o programa e a materialidade.

A primeira parte será relativa à posição do local intervencionado na malha urbana, enunciando as relações de ruas e enquadramentos. Além disso, será feita uma breve análise da envolvente do edificado – os edifícios mais característicos da zona, bem como as novas adições e o seu impacto na imagem da cidade.

Em seguida falar-se-á do local de intervenção, a circulação e os fluxos e os edifícios pré-existentes a demolir.

Posteriormente será feita uma apresentação do programa funcional de ambos os edifícios, evidenciando as intenções arquitetónicas e os alinhamentos urbanos.

A última parte irá mencionar as opções ao nível da materialidade e da expressão visual do edifício, complementando os aspetos programáticos e revelando a maneira como o objeto responde à envolvente.

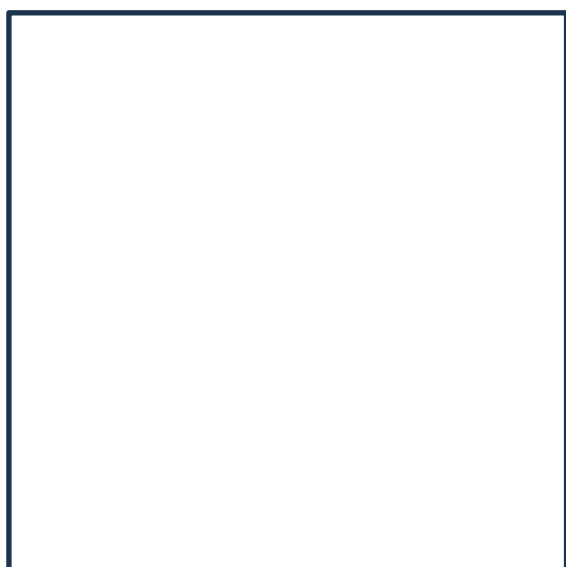
## EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA

#### **4.1. A ENVOLVENTE**

A volumetria da área em estudo revela uma grande diversidade, tanto na sua escala como na sua morfologia. A Norte, depois da Rua da Boavista, o tecido urbano é bastante denso e desordenado devido à necessidade de vencimento de cotas e falta de planeamento urbano. Além disso, são edifícios predominantemente de habitação, logo, a sua dimensão resulta numa escala menor. Em oposição, a urbanização a Sul da área intervencionada tem uma escala bastante mais ampla, respondendo à dimensão da Av. 24 de julho, da linha férrea e do Rio Tejo.

Ao longo da Rua da Boavista e no quarteirão adjacente à Praça D. Luís I, é visível uma certa regularidade no edificado, com a maioria dos edifícios a apresentar entre quatro e seis pisos, conferindo alguma coesão e continuidade a essa frente urbana. Fora desse núcleo mais consolidado, a paisagem torna-se menos homogénea: predominam construções de um a três pisos, que definem uma escala mais baixa e fragmentada. Pontualmente, surgem edifícios mais recentes, significativamente mais altos, com até oito pisos, que se destacam pela sua verticalidade e introduzem variações marcadas na leitura do tecido urbano.

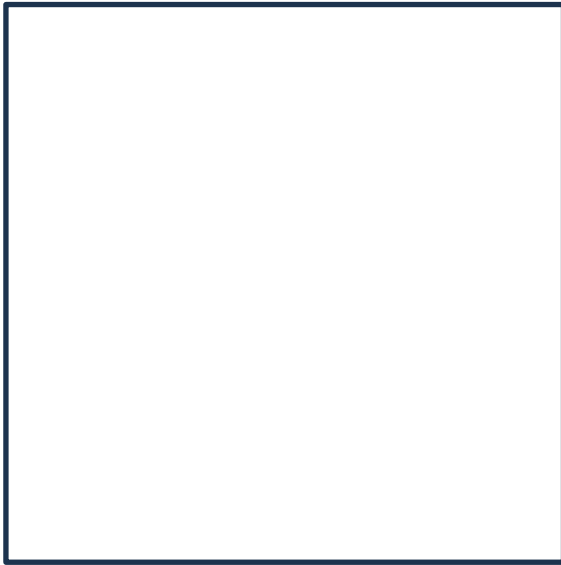
EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA



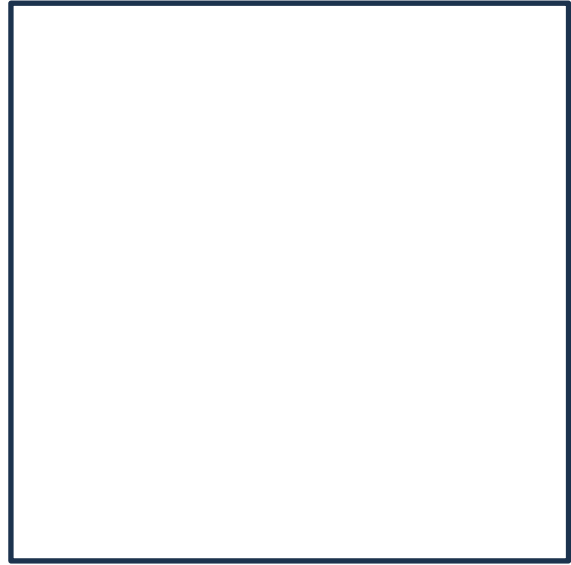
34. Rua da Boavista.



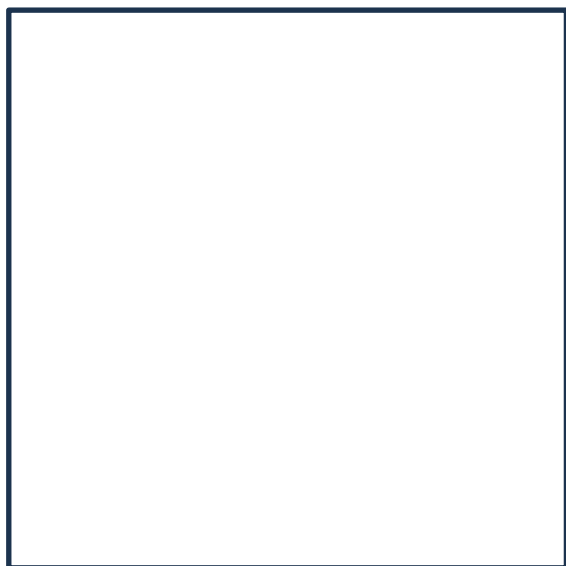
35. Rua D. Luís I..



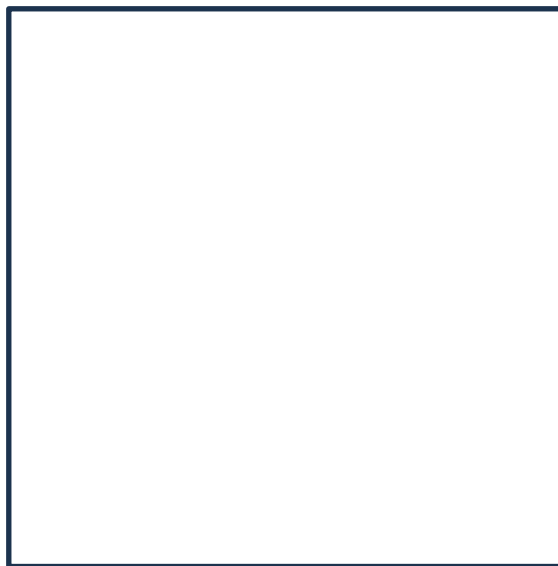
36. Edificado envolvente antigo.



37. Edificado envolvente antigo.



38. Edificado envolvente novo.



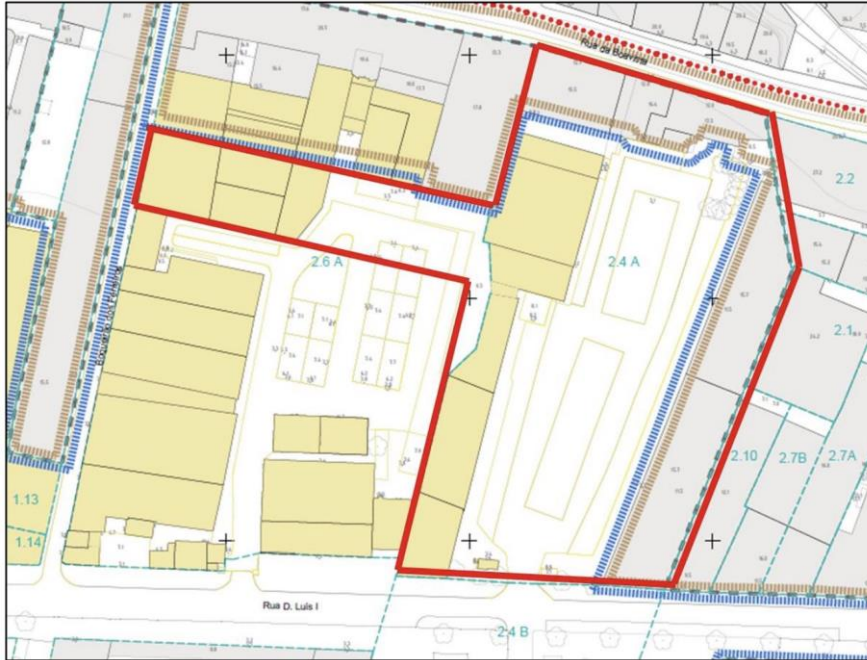
39. Edificado envolvente novo.

#### **4.2. O LUGAR**

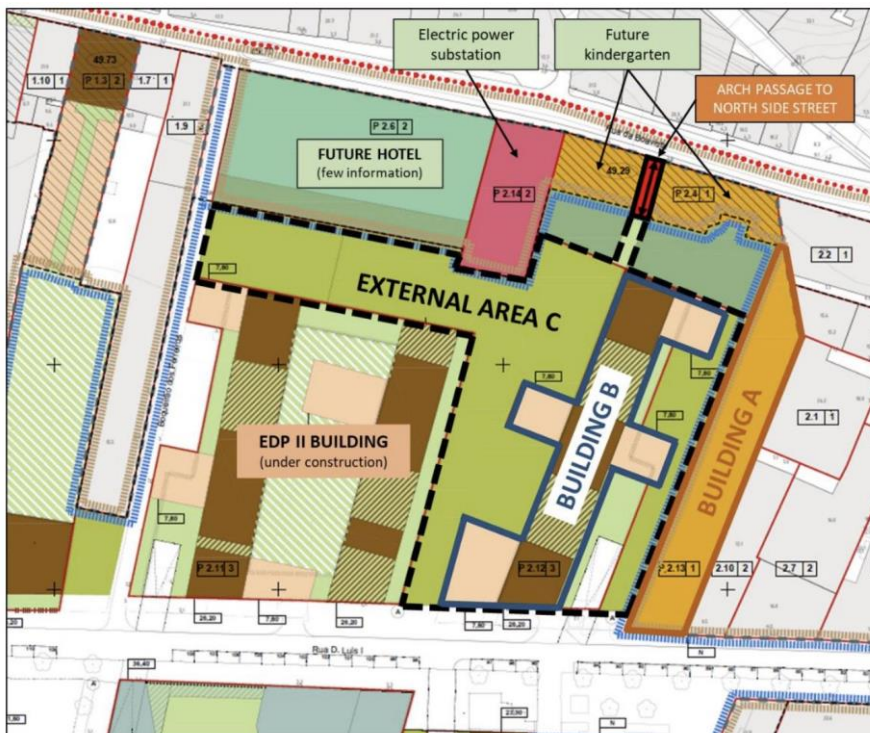
A proposta tem como principal objetivo reforçar e consolidar o tecido urbano, dando prioridade aos fluxos existentes e promovendo novas maneiras de atravessar a cidade neste quarteirão delimitado pela Rua da Boavista, a Rua da Moeda, a Rua D. Luís I e o Boqueirão dos Ferreiros. Como foi referido anteriormente, existe uma grande heterogeneidade na composição do edificado da zona de estudo e, especialmente no quarteirão onde se insere o objeto do Projeto Final de Mestrado. Por isso, de modo a atingir uma maior clareza no desenho e melhor funcionalidade no programa, foi tomada a decisão de demolir alguns dos edifícios pré-existentes. Desta forma, permite-se uma relação direta com o edifício EDP II e com o jardim criado nas traseiras do mesmo.

Com esta nova intervenção, o quarteirão adquire três novas passagens que o tornam mais permeável a nível de fluxos. Estas passagens incluem o túnel que liga à Rua da Boavista, o jardim que termina no Boqueirão dos Ferreiros e uma nova passagem que irá conectar-se à Rua da Moeda e será exemplificada no subcapítulo do Programa.

EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA



40. Edifícios a demolir marcados a amarelo.



41. Implantação sugerida no concurso Saint Gobain.

### **4.3. PROPOSTA**

#### **4.3.1. A Imagem**

O projecto propõe um edifício novo (B) cuja presença urbana se afirma através da sua massa unitária e silenciosa. Um monólito que paira sobre a cidade. Não como um volume opaco, mas como uma estrutura que, como a *Unité* de Corbusier, se eleva para libertar o chão, permitindo que o programa se desenvolva por baixo e à sua volta. Este gesto cria não apenas um corpo arquitectónico autónomo, mas também uma oportunidade para repensar as relações entre as cotas da cidade, as ruas envolventes e os espaços de transição para o Centro Cultural (edifício A), corpo existente que é reabilitado no seu interior e é uma parte integrante do projeto, embora não seja tão aprofundado. A implantação do edifício resulta da leitura das direcções impostas pela Rua da Boavista e dos alinhamentos definidos pelos edifícios envolventes, ao mesmo tempo que o seu desenho responde às passagens existentes, reforçando e prolongando os percursos urbanos já estabelecidos. A presença do novo edifício é, por isso, simultaneamente marcante e permeável.

A sua geometria, abaixo do monolito, é aparentemente complexa, mas todos os gestos respondem a uma direcção da pré-existência, unindo assim todo o desenho numa lógica coerente e conceptual. Os elementos que, na sua implantação, se agarram ao grande retângulo que representa o monolito, são compostos por acessos de rampa, escada e diversos pátios servidores do programa. Estes pátios não são apenas elementos técnicos ou de conforto ambiental, mas sim dispositivos espaciais que estruturam a relação entre o interior e o



42. A azul, o Edifício A, a reabilitar. A vermelho, o Edifício B Multiusos.

exterior, entre o público e o semi-privado.

Uma pala ajardinada prolonga o edifício na cota superior, funcionando simultaneamente como cobertura e como jardim semi-privado. Este elemento define um limite superior para o conjunto, cria sombra, contribui para o conforto térmico e oferece um espaço de estar resguardado, suspenso sobre a cidade. A sua presença gera uma dicotomia clara entre dois modos de protecção: por baixo da pala, um espaço abrigado dos elementos naturais, recolhido e sombreado; por cima dela, um plano de paisagem que, apesar de exposto ao céu, protege do ruído e da velocidade da cidade em redor. Esta ambiguidade entre protecção e exposição, entre infra-estrutura e natureza, reforça o carácter híbrido do edifício: uma arquitectura que se estende para além da construção, ocupando o território da paisagem e oferecendo diferentes formas de habitar.

O projecto insere-se num contexto urbano denso, entre dois edifícios com forte carácter. A nascente, o edifício a reabilitar tem uma fachada rigorosa, marcada por um ritmo contínuo de portas e janelas idênticas. A poente, o edifício da EDP projectado por Alejandro Aravena impõe-se com a sua escala e linguagem contemporânea. Entre estes dois mundos, o novo radical e o velho tradicional, o monólito posiciona-se como mediador, reinterpretando a solidez e a repetição, mas abrindo-se ao mesmo tempo à fluidez e ao uso colectivo.

Neste equilíbrio entre peso e leveza, contenção e abertura, o edifício afirma-se como uma proposta que, mais do que preencher um vazio, procura ressignificar o lugar.

EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA



43. Alçado Sul, Rua Dom Luís I.

### **4.3.2. O Programa**

Para uma melhor compreensão dos edifícios trabalhados, a sua descrição será dividida entre um e outro. Primeiro, o edifício A (o Centro Cultural) e depois o edifício B (o Edifício Multiusos).

#### **EDIFÍCIO A**

O edifício a reabilitar apresenta uma fachada caracterizada por uma composição ritmada de portas e janelas com arco em tijolo e a superfície é pintada num tom de amarelo torrado que reforça o seu carácter urbano e histórico. Este elemento é preservado na totalidade, mantendo-se exatamente como está, com exceção de uma das portas, que é transformada numa nova passagem pedonal que estabelece ligação direta com a Rua da Moeda, criando uma relação mais fluida com o espaço público envolvente.

No interior, procede-se a uma reestruturação completa, com a manutenção da laje original do primeiro piso e das suas vigas, que são integradas no novo desenho como testemunho da pré-existência. Todos os restantes elementos são substituídos por uma organização espacial adaptada ao novo programa, com uma clara distinção entre a preservação da imagem exterior e a transformação funcional do interior. Tal como no caso de referência “Quelhas House”, este contraste do novo e do antigo é celebrado, podendo talvez ser controverso, como referido no subcapítulo da reabilitação. Contudo, pode-se afirmar que, com a intenção de manter a fachada intacta (à excepção da porta de acesso à Rua da Moeda) e a primeira laje com as respetivas vigas originais, há um gesto de homenagear a memória do edificado.



44. Alçado do Edifício A.

### **Piso 00**

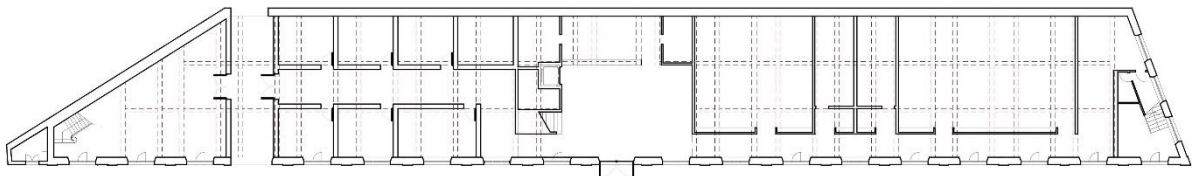
Ao nível do piso térreo, desenvolve-se um longo corredor que percorre o edifício paralelamente à fachada, funcionando como elemento articulador. Este corredor permite aceder, numa primeira fase, a dois espaços destinados a restaurantes e bar, que beneficiam do contacto direto com a rua. Seguem-se espaços destinados a ateliês, pensados para acolher práticas criativas e experimentais, contribuindo para a dinamização artística e cultural do edifício.

### **Piso 01**

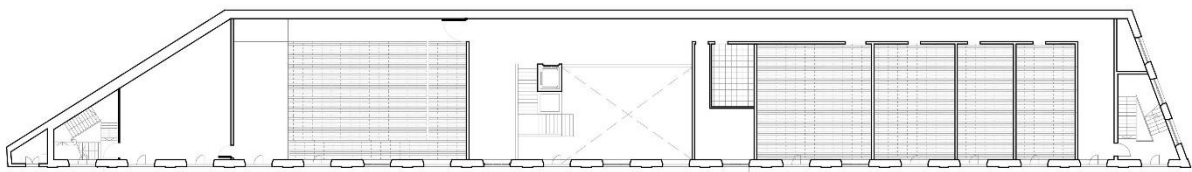
No primeiro piso, a organização responde a um programa mais flexível. As primeiras salas são espaços polivalentes, adaptáveis a galerias de arte, exposições, eventos e estudo. Mais à frente, depois de um átrio central com pé direito triplo que funciona como espaço de encontro e distribuição, localiza-se um grande auditório. Este espaço serve para acolher apresentações, debates e outras atividades públicas, reforçando o papel cívico do edifício.

O terceiro piso é eliminado por completo, permitindo que os espaços do primeiro piso adquiram um pé direito duplo. Esta decisão valoriza a qualidade espacial e introduz novas possibilidades de iluminação e ventilação. As paredes interiores não chegam ao teto, permitindo relações visuais e acústicas entre os diferentes núcleos. A ausência do último piso liberta o volume interior, criando uma atmosfera ampla e contínua, que dialoga com a estrutura existente e reforça a vocação contemporânea do edifício. Esta reabilitação preserva a memória da fachada, enquanto redefine totalmente os usos e a espacialidade interior.

EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA



45. Edifício A | Planta do piso 00 | sem escala.

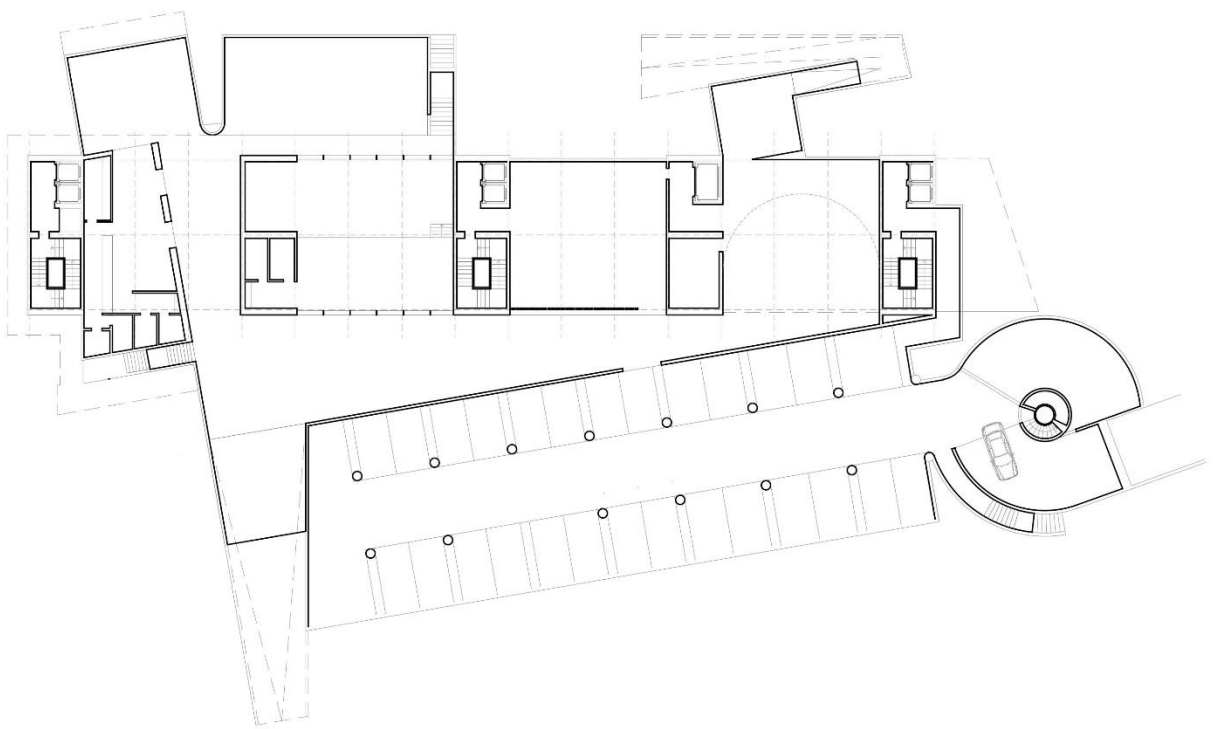


46. Edifício A | Planta do piso 01 | sem escala.

## EDIFÍCIO B

### **Piso -01**

O Edifício Multiusos encaixa-se na cota do piso -01, que por sua vez, se alarga em pátios e espaços variados na sua morfologia e propósito. Do lado nascente, existem três pátios que são o elemento transitório da rua pedonal entre o edifício A e B, para a cota -01. O pátio Norte serve um espaço de restauração que tem comunicação com o pátio seguinte, de maior dimensão, também espaço servidor de elemento de restauração. O terceiro pátio volta a ter uma dimensão menor porque é, no fundo, a antecâmara do grande vazio do edifício – um espaço de implantação em quadrado de 12 por 12 metros, com teto revestido em abóbada de berço, revestido a azuleijos e 12 metros no seu ponto mais alto. No lado poente, há uma abertura apontada à escada de acesso Norte que tem ligação ao parque de estacionamento de carros/motas e ao parque das bicicletas. O piso termina numa rampa que dá acesso ao jardim que se estende atrás do edifício da EDP II. Todos os pátios, à excepção do pátio Norte, têm acesso à cota do piso



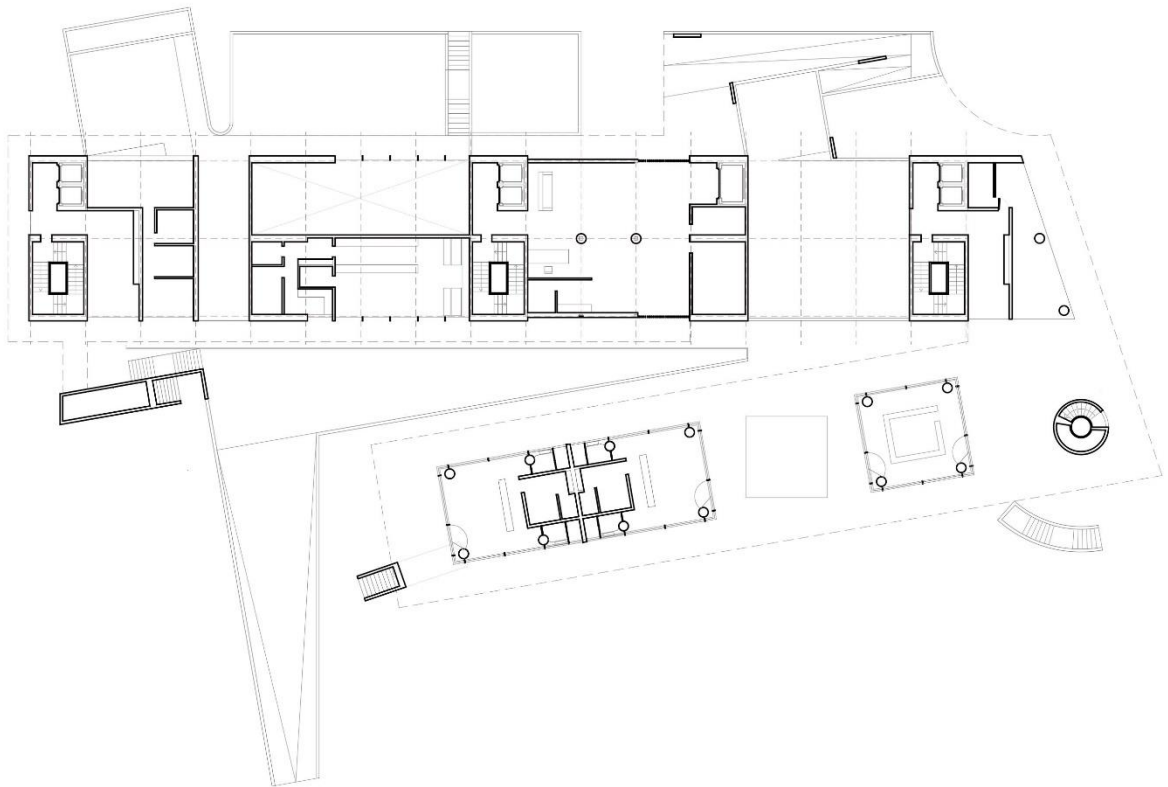
47. Edifício B | Planta do piso -01 | sem escala.

## **Piso 00**

O piso térreo do edifício multiusos foi pensado para promover a vida urbana e o convívio entre diferentes públicos. A entrada principal situa-se a meio da fachada e é marcada por um espaço de receção onde se encontra o porteiro, uma pequena zona de espera e a casa dos lixos, discretamente integrada. Esta entrada distribui-se a partir dos acessos verticais centrais, funcionando como ponto de chegada e orientação. Além desta, existem mais duas entradas, uma em cada extremidade do edifício, cada uma com o seu próprio núcleo de acessos, facilitando a circulação e tornando o edifício acessível a partir de vários pontos.

No contacto direto com a rua, há um espaço de comércio pensado para uma loja de bairro ou uma pequena mercearia, assim como um café, ambos a convidar à permanência. Sob a pala ajardinada, protegidos pela sombra, organizam-se dois bares de pequena escala e um quiosque, todos com esplanada, criando um ambiente informal, confortável e vivido ao nível da rua. Os grandes pilares nos alinhamentos dos acessos, são na verdade, caixas destinadas à condução da canalização e infraestruturas, tal como acontece nos pilares da base da Unité d'Habitation.

EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA



48. Edifício B | Planta do piso 00 | sem escala.

### **Piso 01**

O primeiro piso, à cota da pala ajardinada, articula espaços de apoio e zonas comuns com grande atenção à vivência quotidiana dos utilizadores. A gestão dos espaços partilhados é assegurada a partir de uma sala específica, situada junto à circulação principal. Neste nível, encontra-se também uma lavandaria de uso comum e o piso inferior do ginásio, que inclui balneários, instalações sanitárias e o acesso ao piso superior.

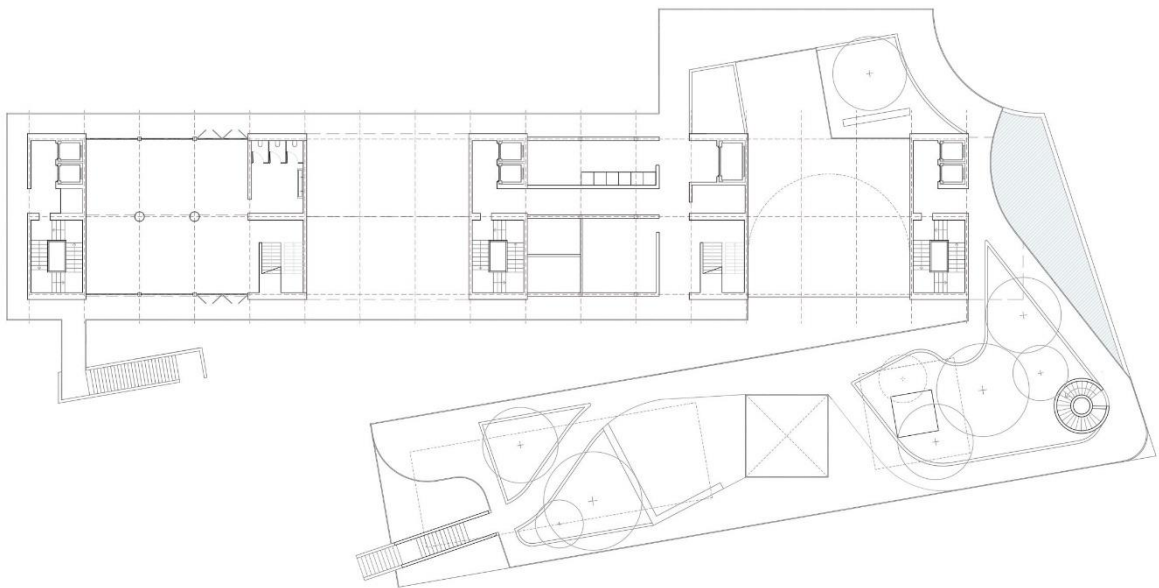
Num ponto central do percurso, há um espaço exterior coberto com pé direito duplo, onde o teto evoca a forma arquetípica de uma casa, criando uma atmosfera acolhedora e simbólica, aberta ao convívio e à pausa. Também neste piso se situa o primeiro nível do espaço de co-working, com instalações sanitárias e ligação direta ao piso superior.

A pala, elemento estruturante do projeto, funciona como jardim suspenso e espaço público elevado. Inclui um espelho de água, bancos, zonas verdes, caminhos e acessos de escada que contribuem, com o seu desenho para a expressão do edifício. Para além da sua função prática, a pala propõe uma experiência sensorial e contemplativa, reforçando a identidade do edifício.

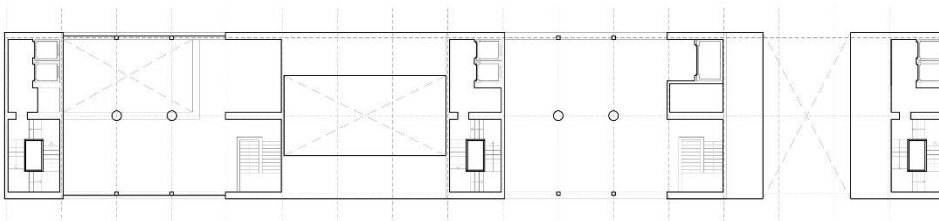
### **Piso 02**

O piso 02 contém apenas o segundo piso do espaço de co-working, em *mezzanine*, e o segundo piso do ginásio.

EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA



49. Edifício B | Planta do piso 01 | sem escala.



50. Edifício B | Planta do piso 02 | sem escala.

### **Piso 03**

No terceiro piso, é onde o espaço passa a ter um caráter mais privado. As galerias interiores que dão acesso aos fogos são pontuadas por varandas comunitárias que conferem iluminação e ventilação. Nestas varandas, os habitantes podem encontrar-se num local partilhado mas longe da confusão do programa nos pisos inferiores.

Os fogos são configurados duma maneira que uma das tipologias quebra o pé direito duplo da galeria, resultando numa compressão e descompressão ao longo do espaço. Por fim, a Sul, há uma varanda que enquadra a o espaço da pala e a Rua Dom Luís I.

### **Piso 04**

Este piso corresponde ao piso superior dos fogos, todos eles *Duplex*.

### **Piso 05**

Idêntico ao piso 03, na sua configuração, com a diferença que, nas zonas da galeria de pé direito duplo, há um grande lanternim que fornece luz zenital ao espaço e, pela altura acrescida do corpo, acentua ainda mais a diferença de alturas dos tetos.

### **Piso 06**

Idêntico ao piso 04.

EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA



51. Edifício B | Planta do piso 03 | sem escala.



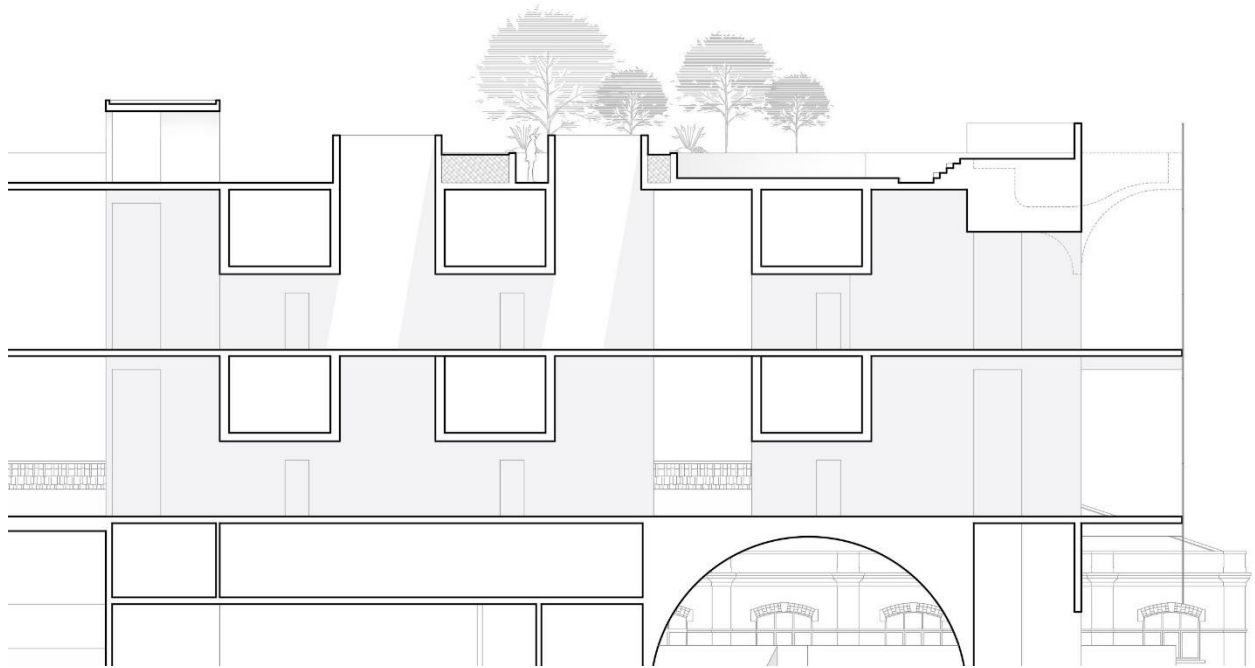
52. Edifício B | Planta do piso 04 | sem escala.

### **Piso 07**

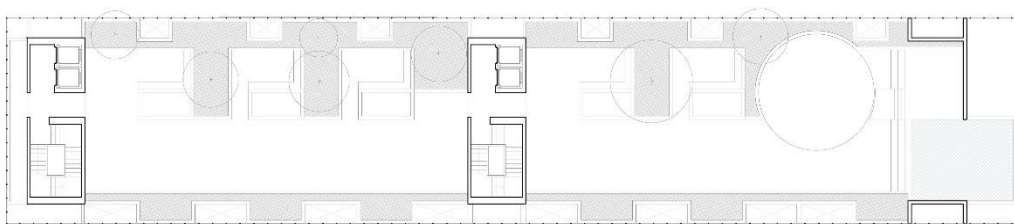
A cobertura do Edifício Multiusos é concebida como um espaço comum dedicado à qualidade ambiental, pensado para promover o encontro, o lazer e a relação com a natureza. Ao longo de toda a superfície distribuem-se canteiros para hortas comunitárias e árvores de sombra, objetos que contribuem para uma paisagem produtiva e acolhedora que reforça a dimensão colectiva do edifício.

O desenho dos canteiros articula-se com os lanternins da galeria inferior, formando micro-espços protegidos onde se integram bancos e zonas para estar que conferem escala e conforto ao amplo plano da cobertura.

Na extremidade sul, o espaço organiza-se em torno de uma zona circular ligeiramente elevada, ideal para atividades de grupo ou simplesmente para repousar. A partir daí, um anfiteatro de três grandes degraus conduz a uma piscina em consola sobre a fachada sul, criando um momento marcante de relação com a paisagem. Junto à piscina, uma área ao mesmo nível convida ao descanso junto à água.



53. Edifício B | Corte longitudinal a passar nas galerias | Edifício A em 2º plano | sem escala.



54. Edifício B | Planta do piso 07 | sem escala.

#### **4.3.4. MATERIALIDADE**

Os materiais escolhidos para compor o edifício estabelecem uma distinção clara entre a base e o volume que repousa sobre ela, tanto do ponto de vista construtivo como simbólico.

Do piso -01 até ao piso 02, toda a estrutura é em betão armado, incluindo os muros de contenção dos pátios, as lajes, os núcleos de circulação e as escadas. A textura da cofragem de madeira é propositadamente deixada visível em várias superfícies para, não só destacar o carácter robusto que se pretende conferir à parte inferior, como também fazer referência ao edifício emblemático da EDP, projetado pelo arquiteto Alejandro Aravena, objeto que é revestido por uma armadura de betão armado em que as cofragens estão bastante presentes. Este núcleo inferior, robusto e durável, constitui o suporte físico e técnico de todas as infraestruturas e espaços comuns — um embasamento sólido que organiza e sustenta a vida do edifício.

Os únicos elementos que interrompem esta massa de betão são os caixilhos metálicos, os panos de vidro e os azulejos que revestem o interior da grande abóbada e da pequena abóbada, introduzindo uma certa luz e profundidade aos espaços.

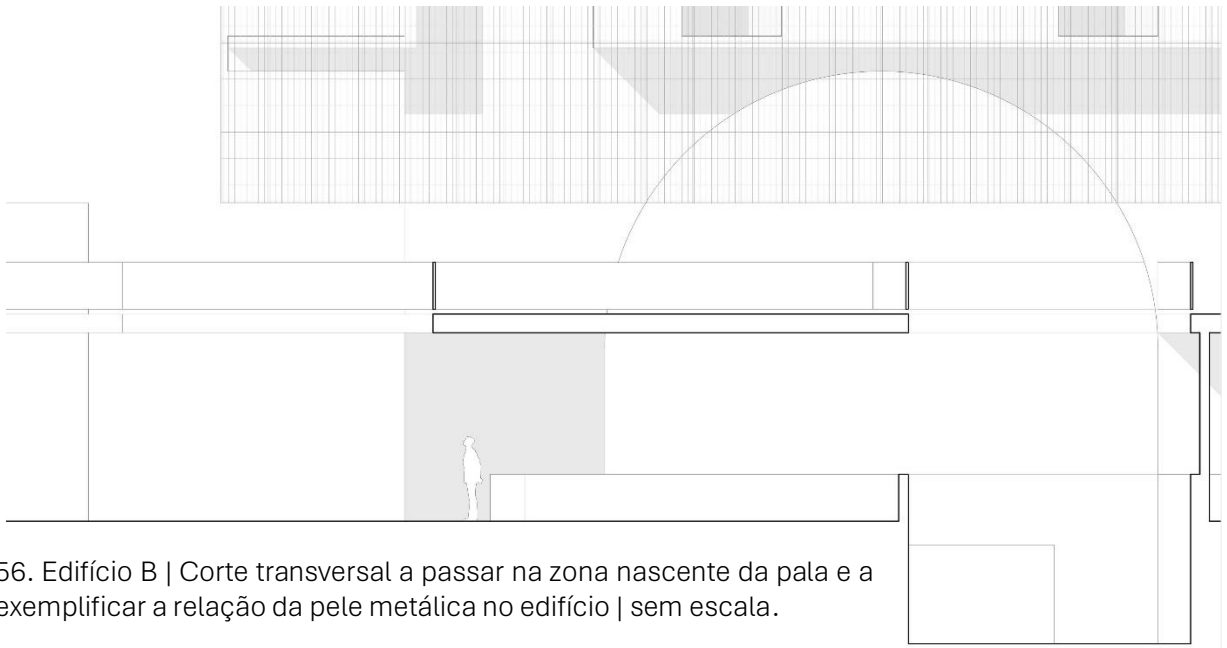
## EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA



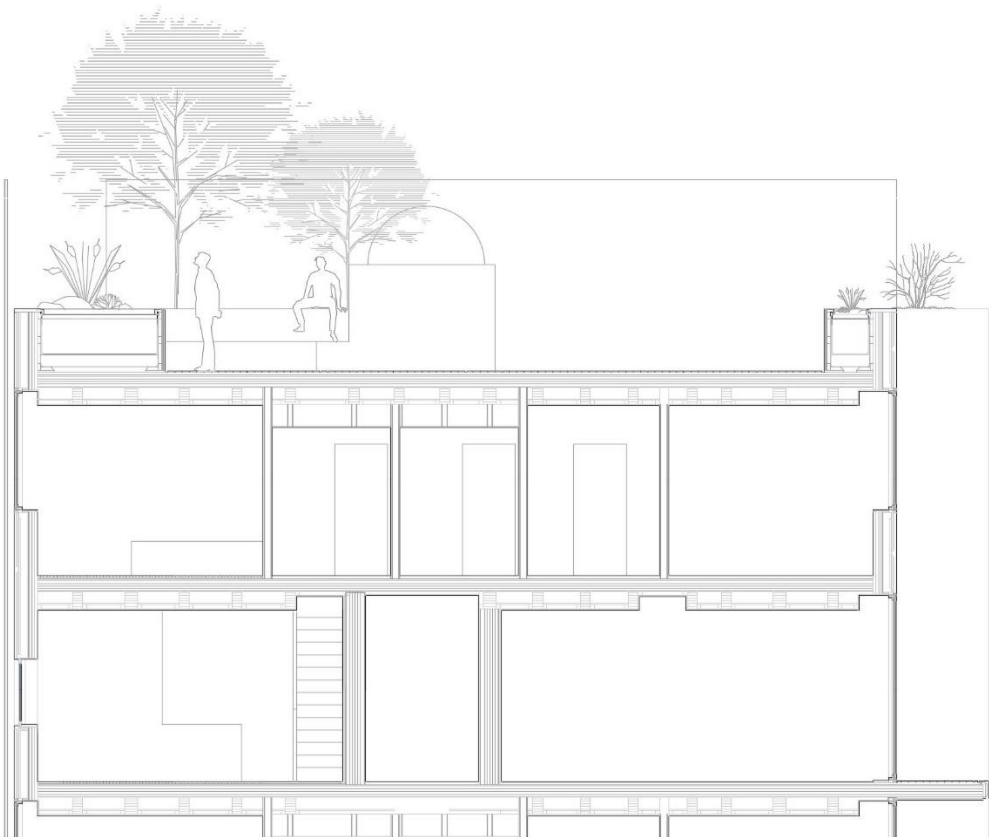
55. Edifício B | Corte transversal a passar na grande abóbada e nos elementos de betão, até chegar aos pisos de habitação, erguidos em CLT | sem escala.

Sobre esta base pesada e tectónica, assenta um corpo mais leve: os pisos de habitação. Estes são inteiramente construídos em madeira, recorrendo a painéis de CLT (*cross-laminated timber*), um sistema construtivo sustentável, eficiente e de montagem rápida. A madeira, visível em vários pontos do interior, transmite conforto e reduz a pegada ecológica do edifício.

Para completar a leitura do conjunto, uma pele metálica, semelhante à que foi integrada no “Gifu Kitagata Apartment Building”, envolve o volume habitacional, funcionando como filtro, proteção e expressão formal. Esta pele tem um carácter, embora fixo, muito leve, pois dispensa de qualquer tipo de guarda nas varandas (Fig. 57). Como se pode ver na Fig. 56, está a cerca de 2.5 metros da pala ajardinada, criando um intervalo visual que faz parecer que o volume superior está a flutuar sobre a base de betão. Esta separação entre os dois corpos reforça a ideia inicial do projeto: um conjunto estrutural de betão armado na base e um volume leve de madeira quase suspenso na pele metálica.



56. Edifício B | Corte transversal a passar na zona nascente da pala e a exemplificar a relação da pele metálica no edifício | sem escala.



57. Edifício B | Corte transversal em progresso | escala 1/50.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação procurou responder ao desafio de revitalizar uma área sem oferta programática e esquecida da frente ribeirinha de Lisboa, mais concretamente uma parcela do Aterro da Boavista, propondo uma intervenção arquitetónica que alia construção nova e reabilitação, através de um edifício multiusos de carácter híbrido. Partindo da análise histórica, territorial e morfológica da zona, foi possível compreender a importância estratégica do lugar no tecido urbano da cidade e o potencial que encerra enquanto espaço de reconexão entre a cidade consolidada e o rio.

A proposta apresentada resulta de uma reflexão sobre os modos contemporâneos de habitar, de trabalhar e de viver em comunidade. A aposta num edifício que mistura funções de habitação, cultura, trabalho e lazer, revela-se fundamental para devolver vida e permanência ao espaço urbano. A reabilitação do edifício existente procura, por sua vez, valorizar a memória arquitetónica, resgatando elementos construtivos originais e reintegrando-o num circuito funcional e acessível, com usos flexíveis e voltados para a comunidade.

A investigação permitiu ainda experimentar formas de diálogo entre massa e leveza, entre solidez e permeabilidade, tanto no desenho como na escolha da materialidade. A estrutura em betão reforça a ideia de base sólida que suporta um corpo leve em madeira, e a pala ajardinada funciona como um gesto unificador entre as várias cotas do projeto, promovendo a permanência, o encontro e a apropriação do espaço exterior. O trabalho procurou também responder à escala do lugar, reconhecendo a forte presença dos edifícios industriais e a delicadeza da envolvente antiga, conciliando volumetria, proporção e linguagem arquitetónica.

Este projeto representa uma tentativa de formular uma proposta sensível, consciente e comprometida com o tempo presente. A cidade enfrenta desafios complexos — escassez de habitação, pressão turística, perda de identidade local — e cabe à arquitetura propor alternativas com responsabilidade e visão. O edifício multiusos e a reabilitação apresentados não pretendem ser resposta única, mas sim contributo possível para repensar como habitamos, como partilhamos e como construímos lugares com significado.

Este trabalho termina, mas deixa em aberto questões e caminhos para continuar a explorar, com a certeza de que a arquitetura, enquanto prática cultural e social, tem um papel decisivo na transformação positiva da cidade.

## BIBLIOGRAFIA

**Alves, J. H. M.** (2016) *Regeneração urbana: o edifício híbrido como articulação entre o novo parque e o tecido urbano existente no Rio Seco*. Projeto Final de Mestrado em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa.

**Andresen, S. de M. B.** (2011) *Obra poética*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Assírio & Alvim.

**Arnaud, J. M.** (1987) *O Neolítico Antigo e Médio em Portugal*. Lisboa: Instituto de Arqueologia.

**Brandão, P. & Jorge, F.** (1996) *Lisboa do Tejo, a Ribeirinha*. Lisboa: Argumentum, p. 10.

**Campsie, P.** (1994) 'Boarding houses: A declining share of Canada's housing stock', *Canadian Housing*, 11(3), pp. 1–6.

**Campos, Á. de** (1915) *Ode Triunfal*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2459>

**Castilho, J. de** (1893) *A Ribeira de Lisboa: descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre de Deus até Santos-o-Velho*. Lisboa: Imprensa Nacional.

**Costa, M. J.** (2021) *Estuário do Tejo: onde o rio encontra o mar*. Lisboa: Edições Afrontamento.

**French, H.** (2008) *Key urban housing of the twentieth century: plans, sections and elevations*. London: Laurence King.

**French, H.** (2008) *Key Urban Housing of the Twentieth Century: Plans, Sections and Elevations*. 1.<sup>a</sup> ed. Nova Iorque: W. W. Norton & Company.

**José Adrião Arquitectos** (2020) *Rua dos Douradores*. [online] Disponível em: <http://joseadriao.com/en/arquivo/portfolio/douradores-2>

**Koolhaas, R. & Mau, B.** (1995) *S, M, L, XL*. New York: Monacelli Press.

**Lopes, C. I. M.** (2016) *A cidade e o rio: um ícone na frente ribeirinha de Santos*. Projeto Final de Mestrado em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa.

**Monteiro, P. C.** (2006) 'Quando os objetos colidem', *Jornal Arquitectos*, 220-221, p. 20.

**Mota, G. D. C. M. A.** (2024) *O Vale, o Bairro e a Cidade Nova: (Re)Vitalização do Bairro da Bela Flor*. Projeto Final de Mestrado em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa.

**MVRDV, HUB & Bridges Fund Management** (2024) *Co living Design Study into co living as a typology of shared living*. Rotterdam: MVRDV. ISBN 9789090381701.

**Ross, C.** (2013) *The Barbican Estate* [Vídeo]. Publicado por London Museum. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=JLgkDCoH14g&ab\\_channel=LondonMuseum](https://www.youtube.com/watch?v=JLgkDCoH14g&ab_channel=LondonMuseum)

**Strauss, I. E.** (2016) 'The Hot New Millennial Housing Trend Is a Repeat of the Middle Ages', *The Atlantic*, 26 September. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/business/archive/2016/09/millennial-housing-communalliving-middle-ages/501467/>

**Tennyson, A. L.** (1830) 'Ode to Memory', in *Poems, Chiefly Lyrical*. Londres: Edward Moxon.

**Yoh, C.** (2018) 'A Brief History of Coliving | Things You Should Know', *Common Blog*, 29 November. Disponível em: <https://www.common.com/blog/2018/11/brief-history-coliving/>

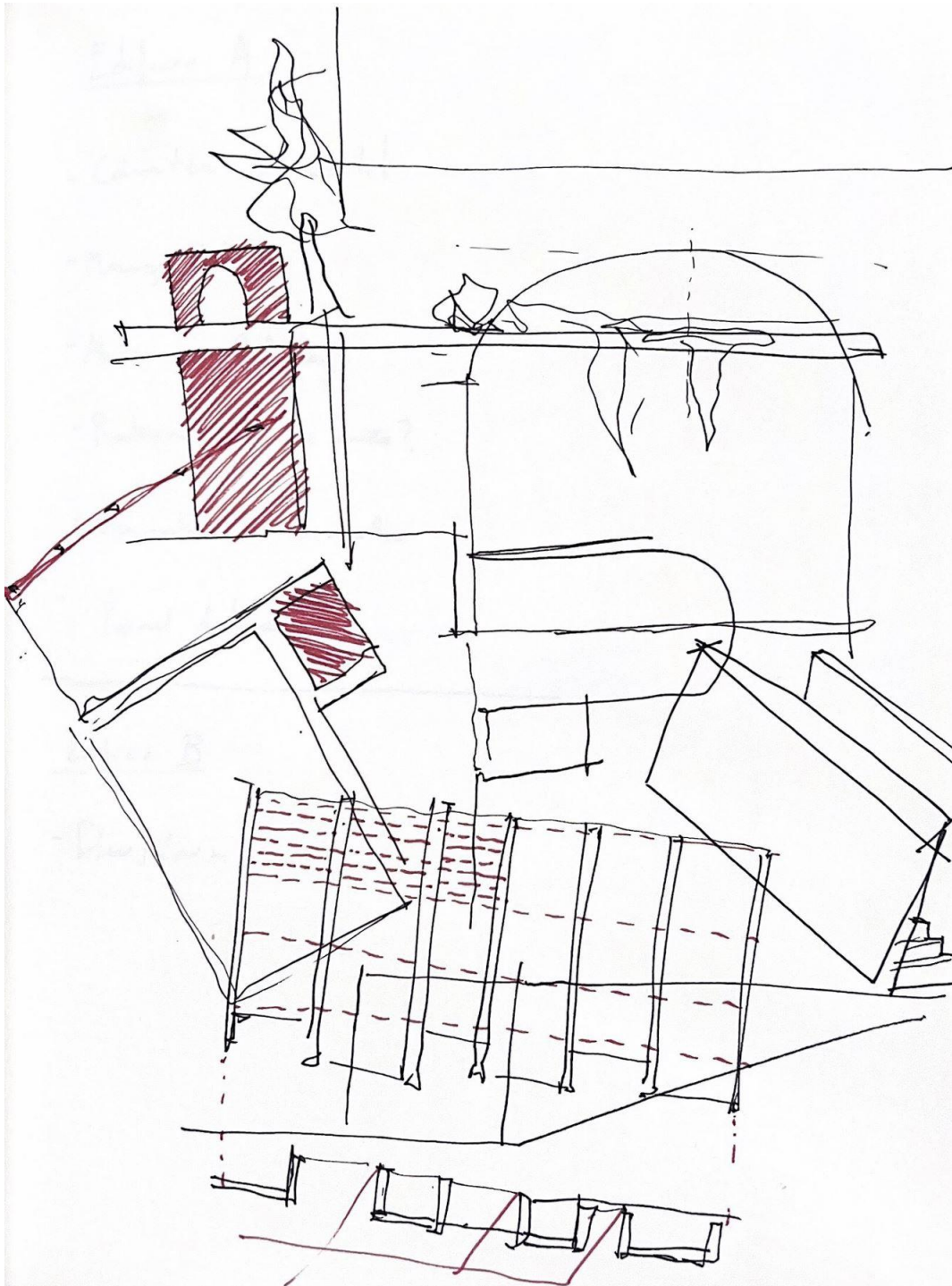
*Quelhas House.* Disponível em:  
<https://www.ilobo.pt/Quelhas.html>

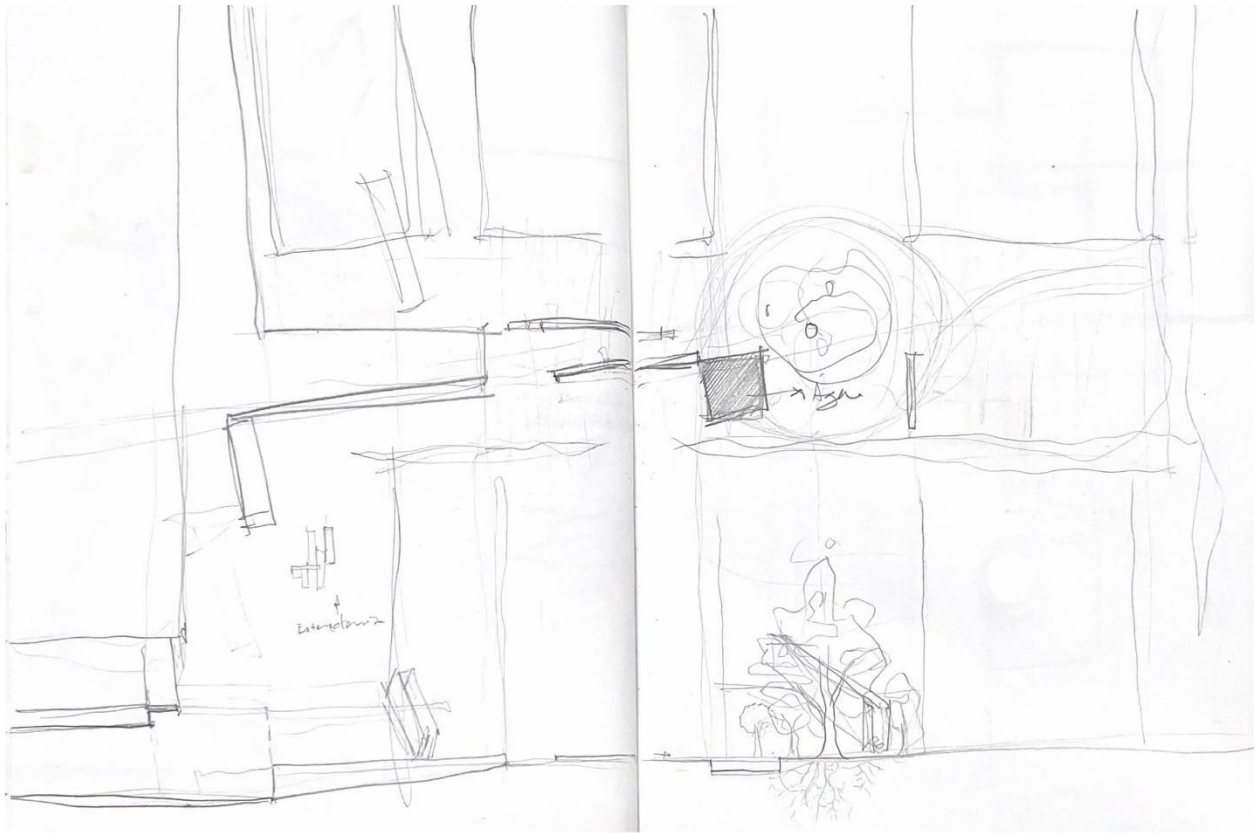
*Unité d'Habitation - AD Classics.* Disponível em:  
<https://www.archdaily.com/85971/ad-classics-unite-d-habitation-le-corbusier>



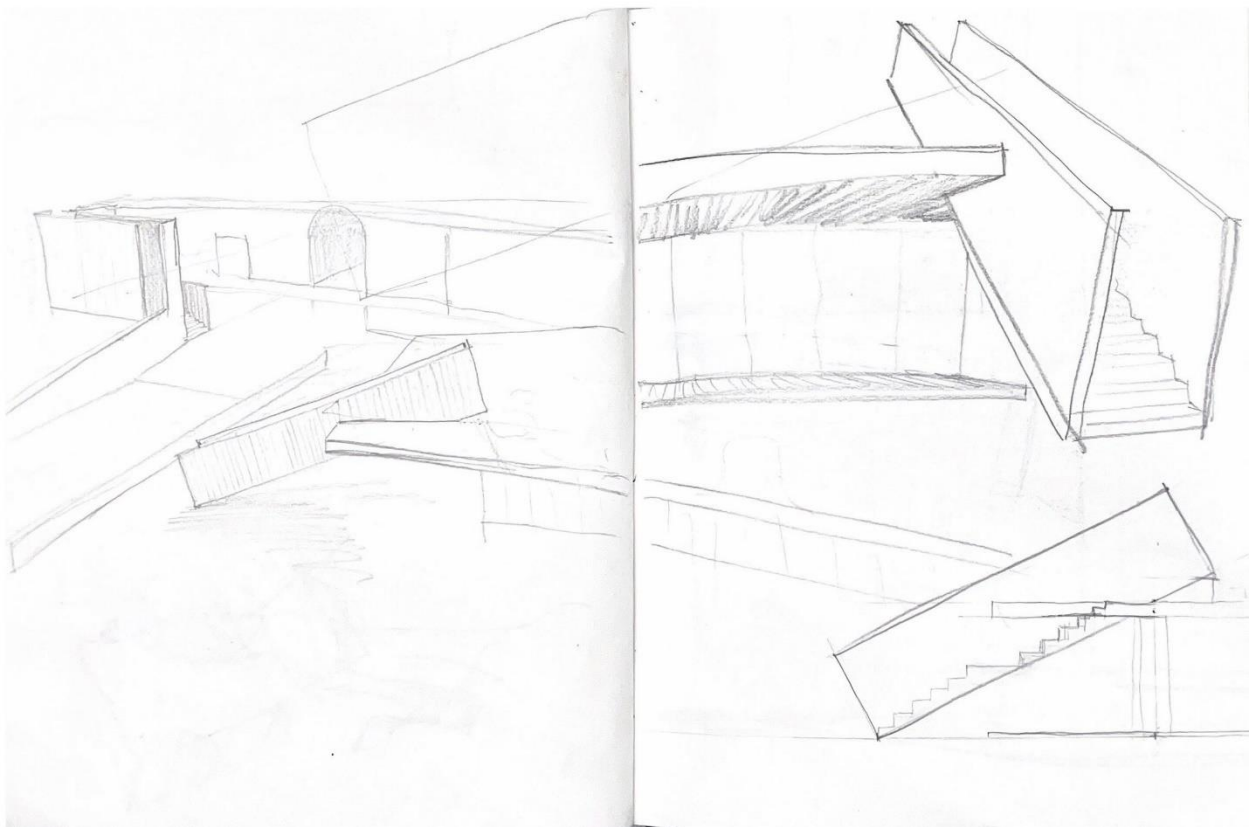
## **ANEXOS**

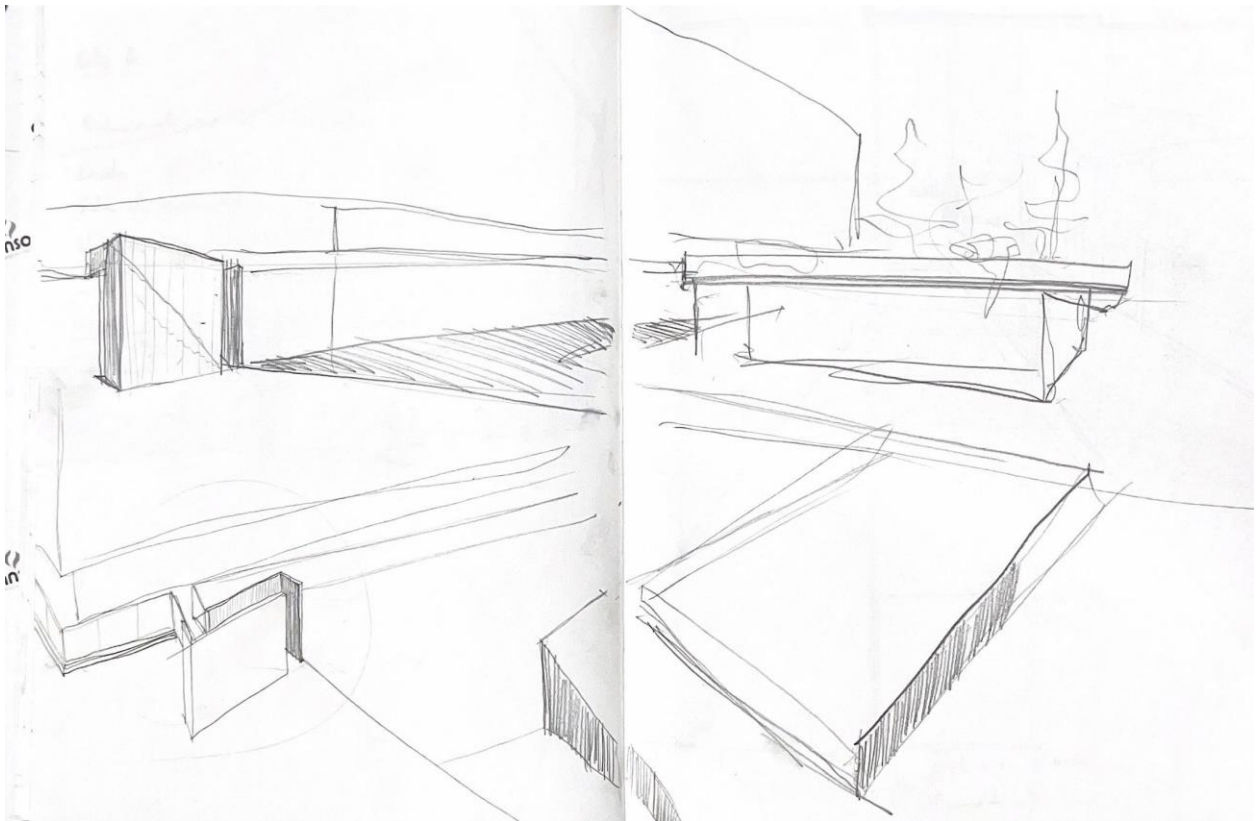
EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA



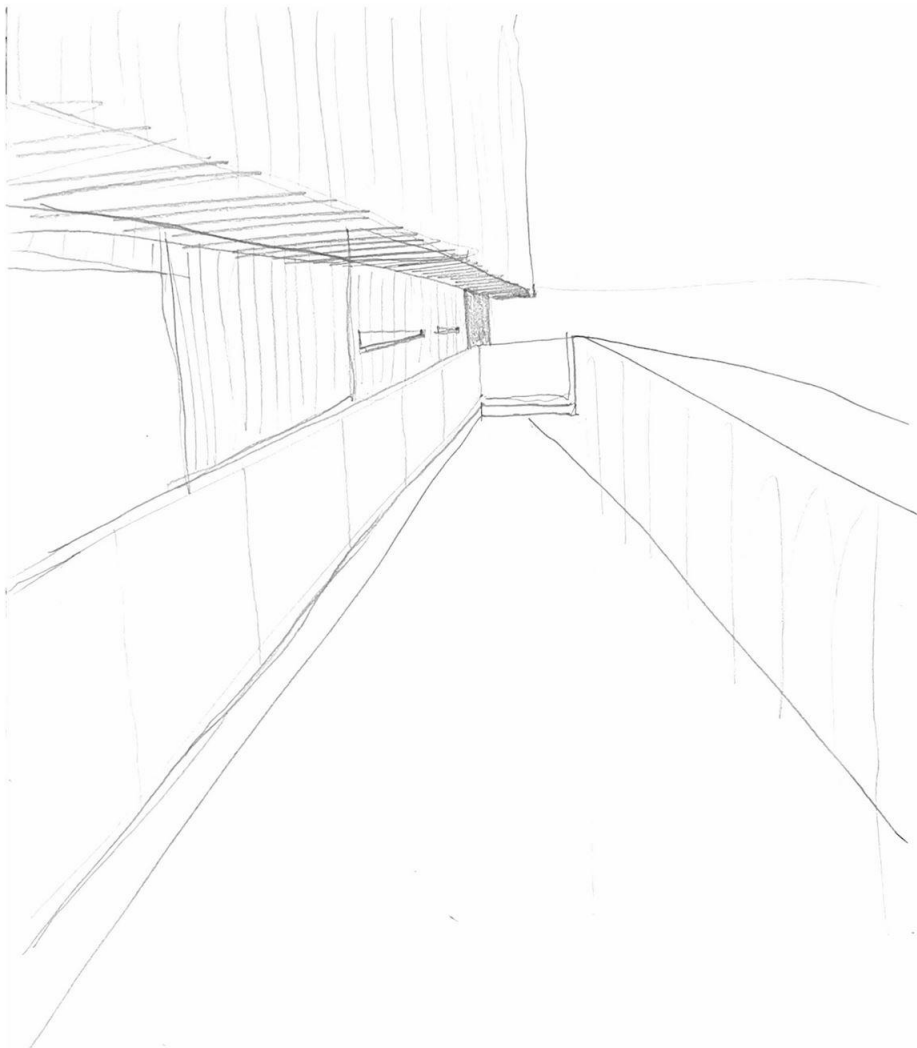


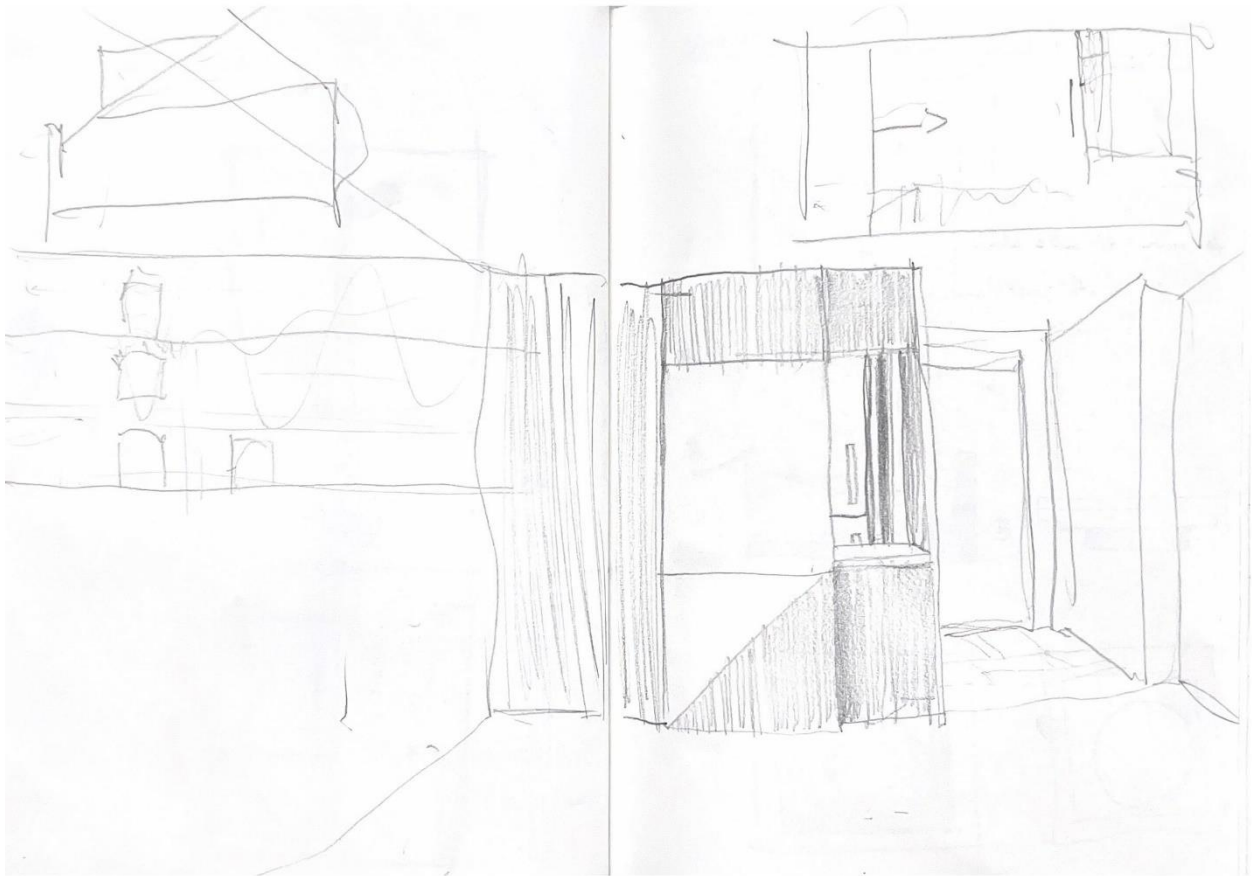
EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA





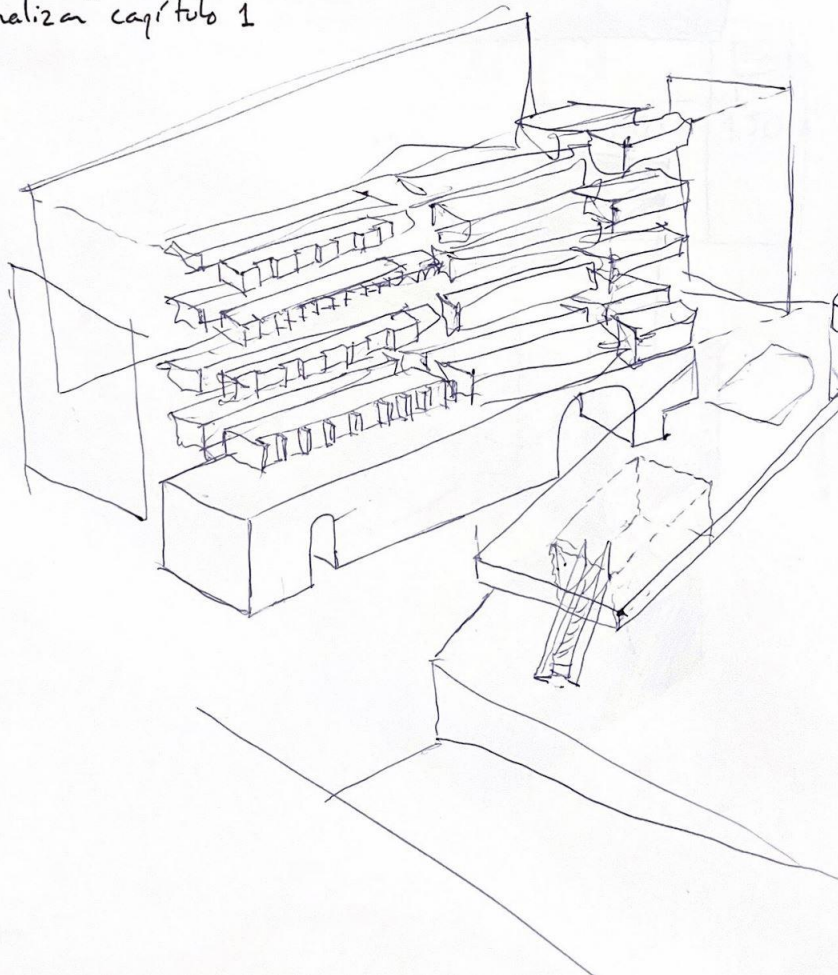
EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA

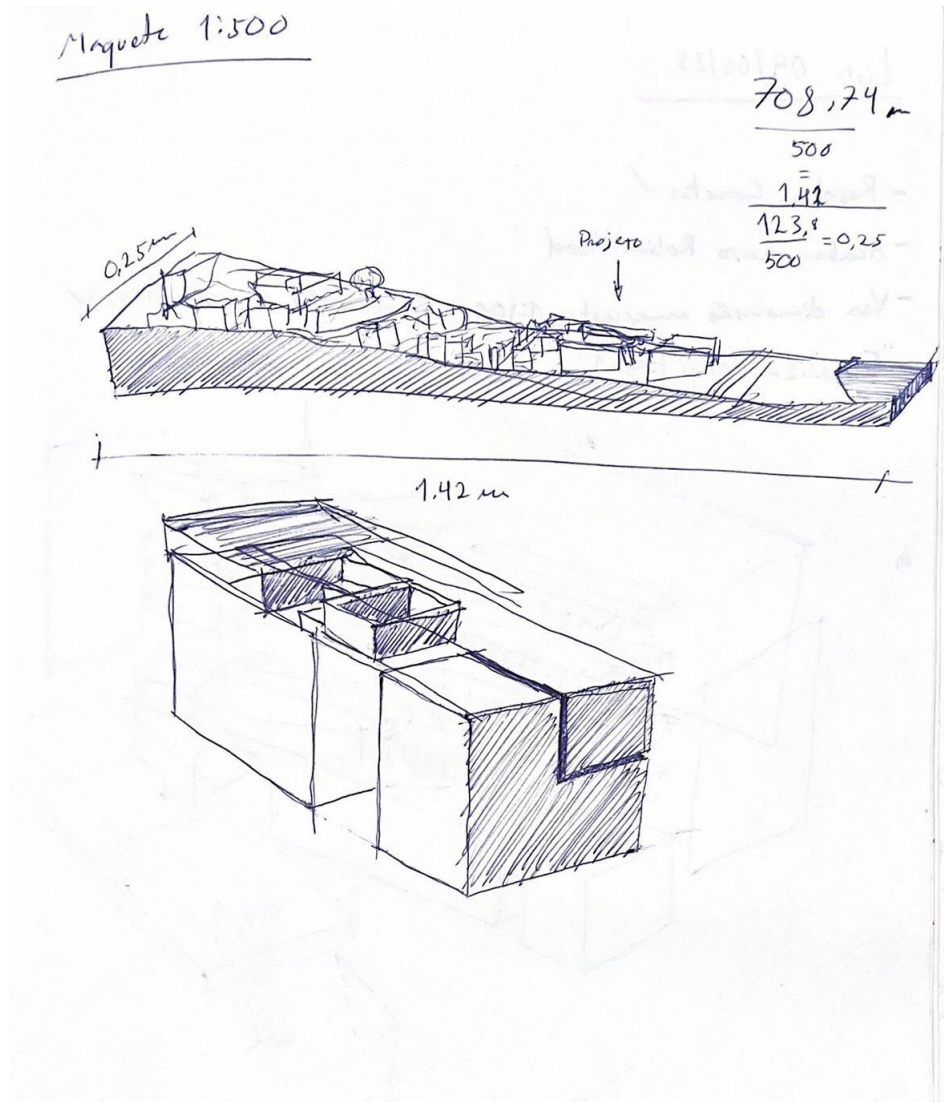




Lista 04/06/25

- Resolver Concretas ✓
- Acabar Caso Robin Hood
- Ver dimensões maqueta 1:100 e método construtivo ✓
- "Finalizar" capítulo 1



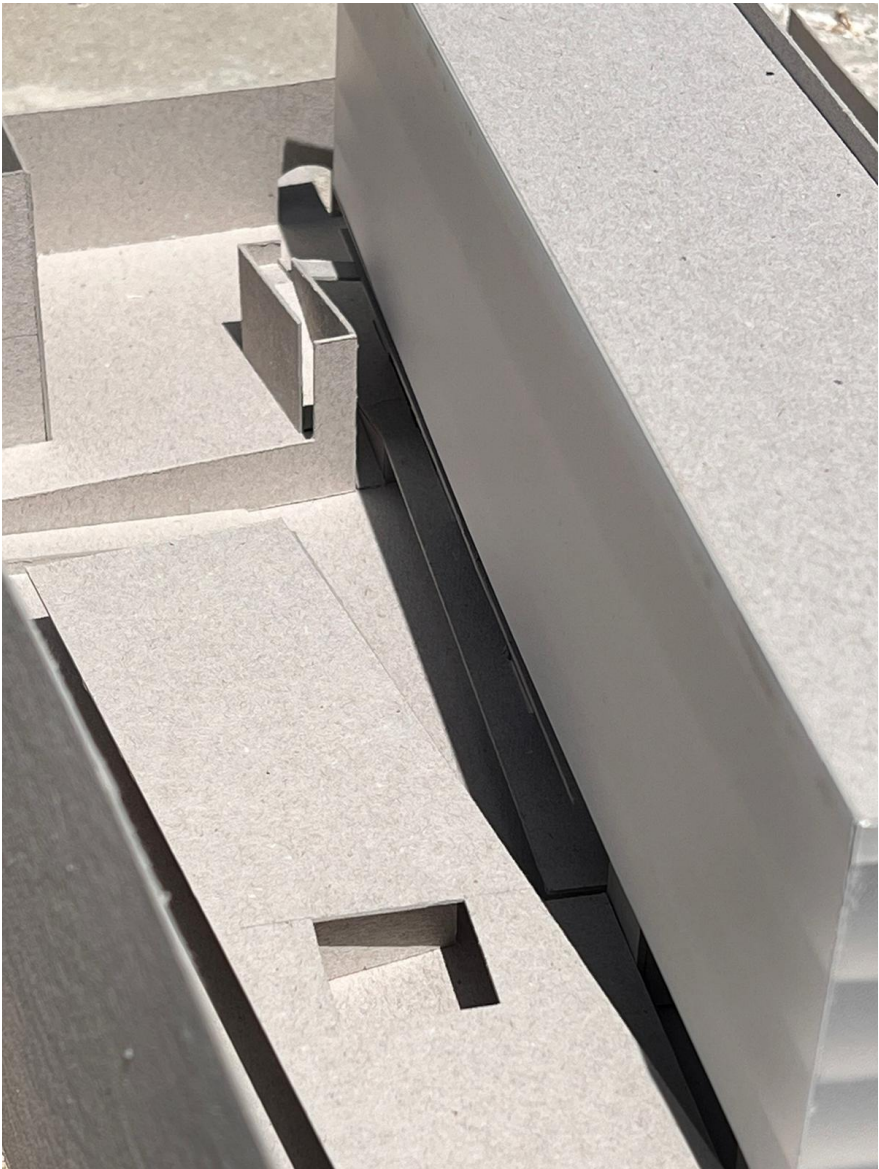


EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA



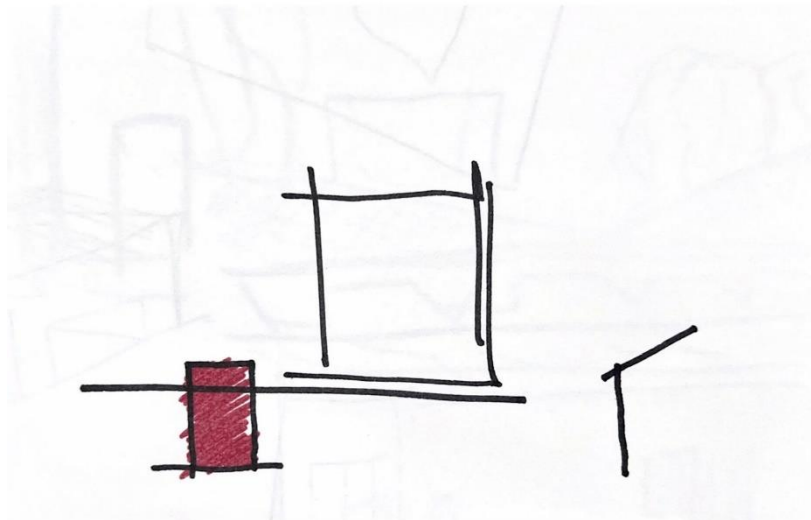
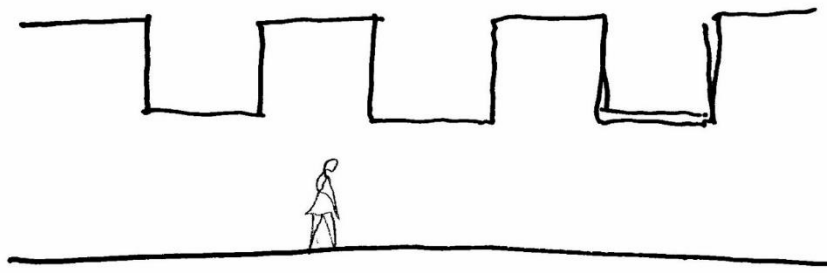




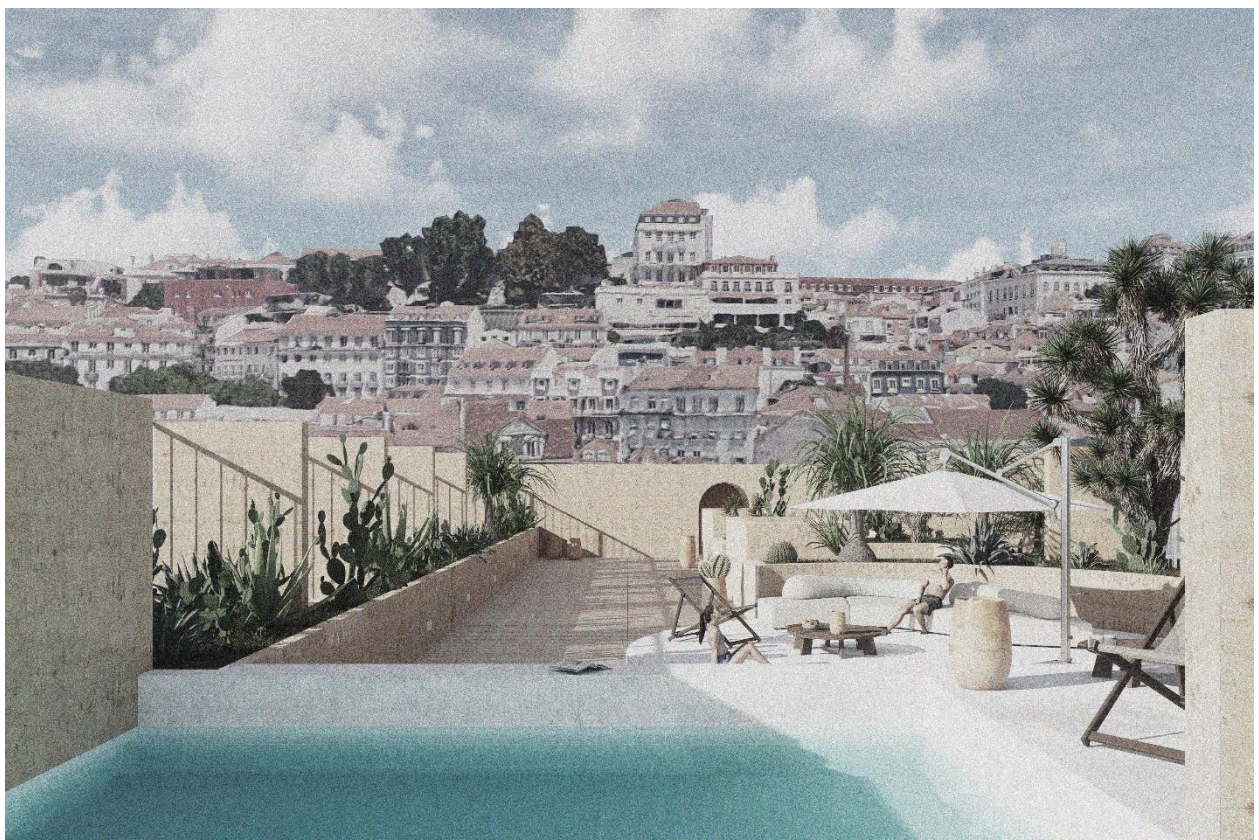


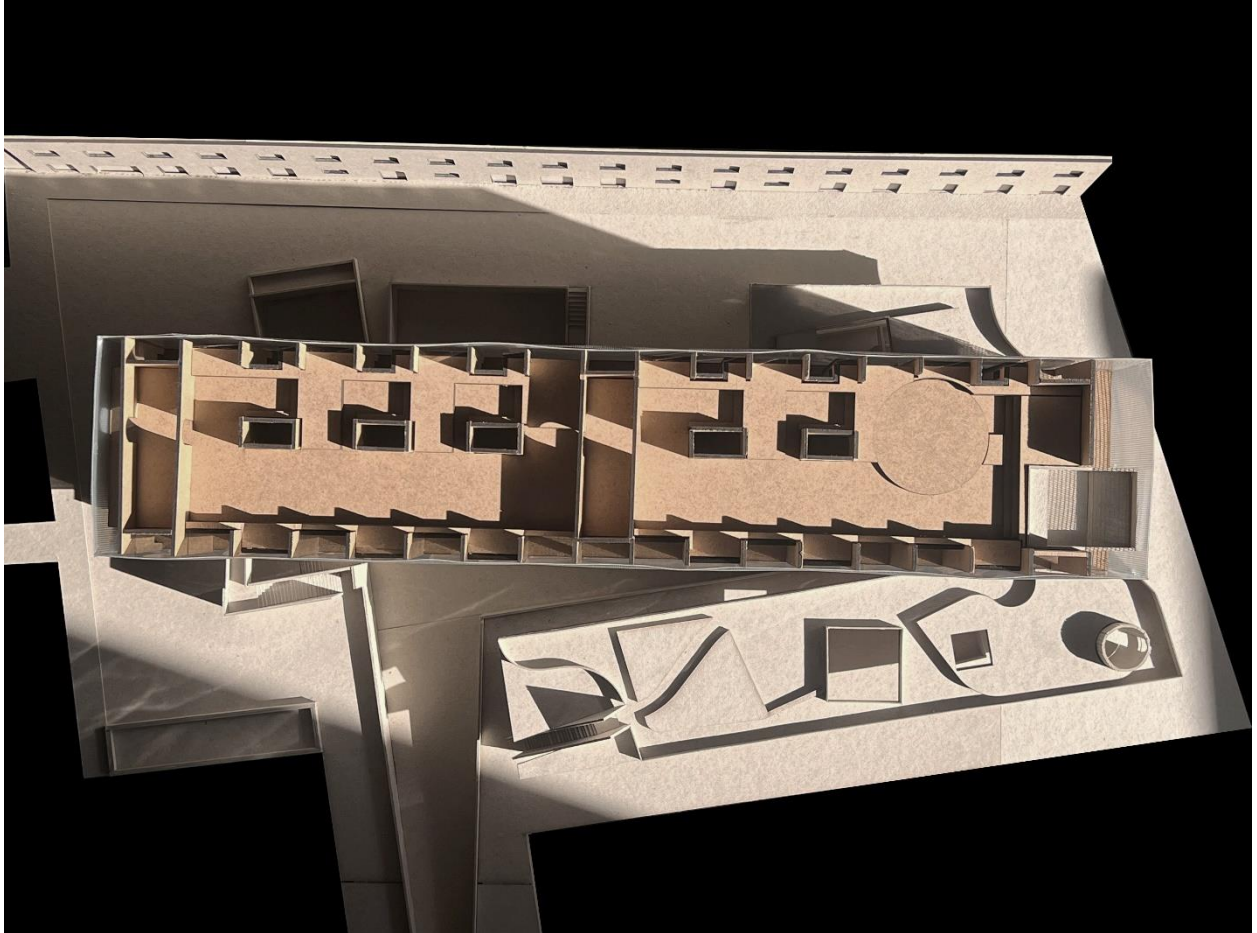
EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA





EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA



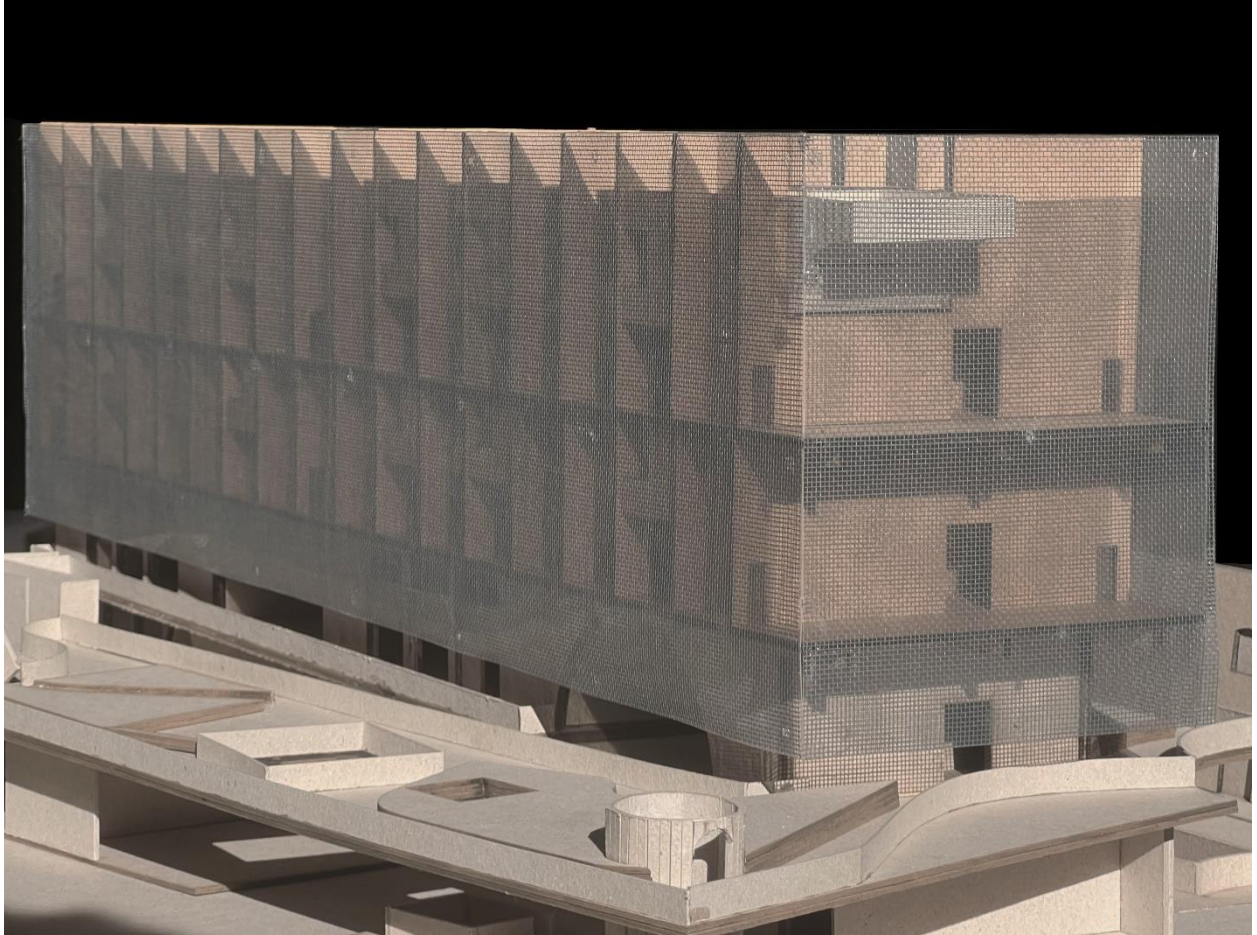


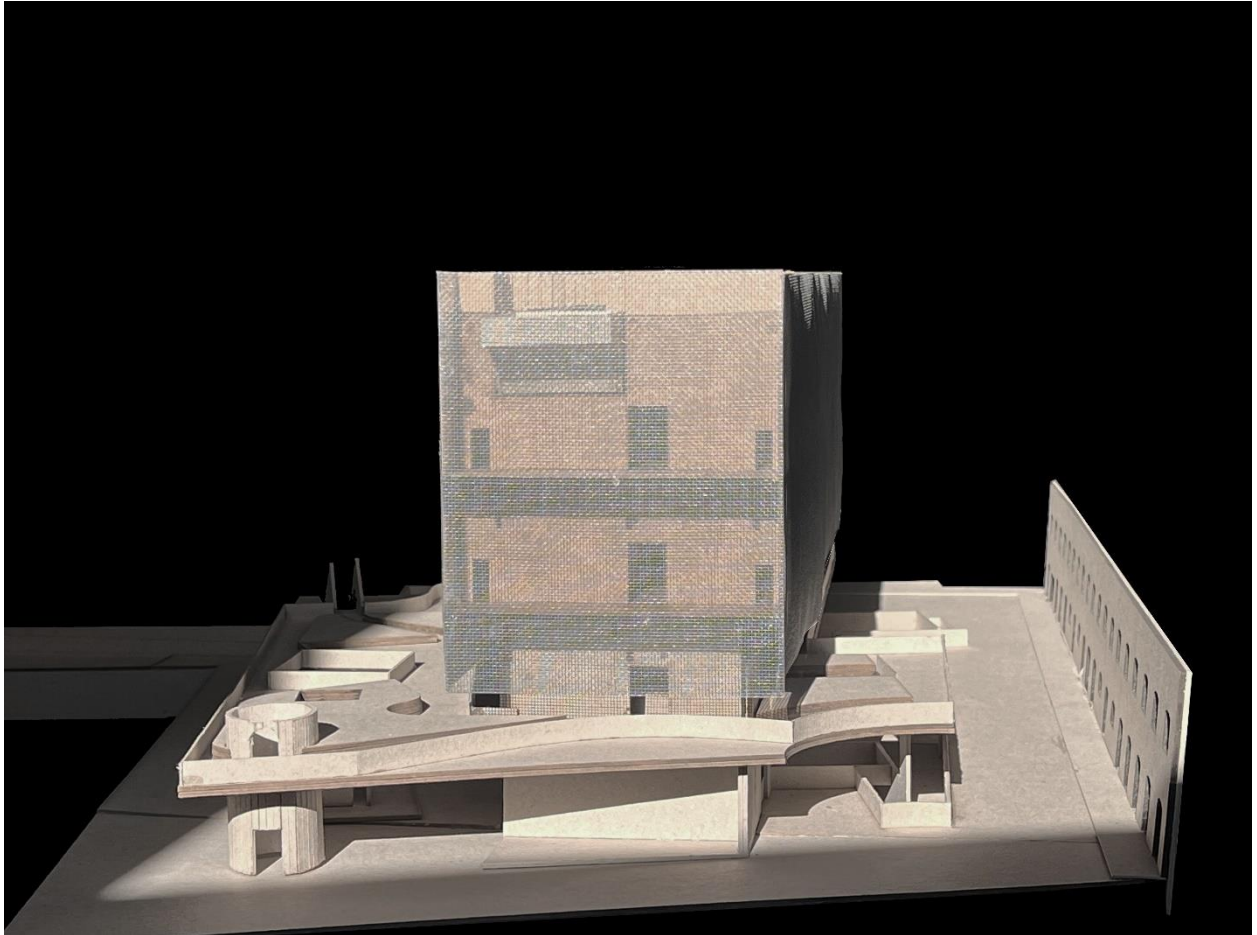
EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA





EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA





EDIFÍCIO MULTIUSOS E CENTRO CULTURAL NO ATERRO DA BOAVISTA

